ANTÔNIO DOS REIS LOPES MELLO

unesp

CLASS.: 194
M527d
TOMBO: 750

ANTÔNIO DOS REIS LOPES MELLO

"DESCARTES E A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO MODERNA: a questão do *bom uso da razão*".

1780

UNESP
1997

1410000780

unesp

ANTÔNIO DOS REIS LOPES MELLO

"DESCARTES E A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO MODERNA: a questão do *bom uso da razão*".

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista, Campus de Marília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, na linha de pesquisa "Filosofia e Educação", sob a orientação do Professor Dr. Paulo Ghiraldelli Júnior

1997

"UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

COMISSÃO JULGADORA

_____

_____

_____

_____

_____

_____

UNESP - CAMPUS DE MARÍLIA

1997

Dedico

aos meus pais ANTÔNIO E JÚLIA,
aos meus irmãos Celso, Ênio, Gisele e Ivana,
à tia Erandy,
ao Duram e Inaiá, meus sobrinhos,
ao Jairo e à Bel, meus cunhados
e em memória à vovó Calpúrnia

Agradecimentos

Nesse texto destino os agradecimentos àquelas pessoas que tem participado da minha vida e me desejam felicidade, sobretudo nesse período que compreendeu a elaboração da minha dissertação e a sua finalização. Houve pessoas que atuaram diretamente na produção do texto e outras que me apoiaram na infra estrutura da minha vida. Reconheço nestas pessoas a bondade e a amizade com que atuaram para tornar possível a realização deste trabalho. Era importante para eles tanto quanto para mim, que eu pudesse realizar um desejo e expressar a minha capacidade de estudo, de aprendizagem e de reflexão num texto.

A dissertação significou um trabalho árduo, mas compreendeu um período de estudo valioso. Pude aperfeiçoar muitas reflexões e mostrar a mim mesmo, algumas habilidades de produção de texto. Foi período de estudo em que aprendi alguns significados importantes para a vida: o amadurecimento de reflexões para tornar-me mais homem, mais bondoso, mais paciente e mais respeitador. O estudo não teve, neste sentido, a finalidade apenas de concluir um período de titulação, mas promoveu um pouco mais da minha humanização. A minha felicidade não se restringe à satisfação singular do meu eu, mas depende da convivência com todos aqueles que revelam a minha própria identidade.

Por isso, expresso o meu agradecimento aos meus pais e meus amigos, porque foram importantes para a realização deste trabalho. Para eles expresso o meu ser, o meu eu, na totalidade do meu fazer, inclusive, expressando os meus pensamentos, sentimentos nas diversas instâncias de nossa convivência - de amor, felicidade, tristezas, contentamento, paixão.

Agradeço

ao meu orientador Dr. Paulo Ghiraldelli Júnior, que além do seu trabalho oficial, demonstra conhecer o ser humano de uma forma paciente e generosa, sem jamais subestimar o potencial intelectual e, desta maneira, tornou possível a conclusão do trabalho.

aos professores convidados para a banca de qualificação Nadya H. Prestes e Sílvio Galo, pela orientação final, bastante importante para a conclusão do trabalho.

aos amigos que souberam orientar-me em bibliografias e trabalhos Dra. Lígia Fraga Silveira e Dr. Adrián Oscar Dongo Montoya;

unesp

à tia Erandy que, com carinho, colocou-se à disposição para corrigir as traduções, nas dificuldades com os textos da língua francesa e inglesa, bem como em revisões da redação;

às amigas Tânia, Lísia, Tereza Teruya, sempre incentivaram a realização deste trabalho;

à amiga Isabel Asperti Nardi pela orientação de leitura de textos da língua inglesa - Curso de Inglês Instrumental.

ao amigo Marcelo que proporcionou um espaço para que eu pudesse ficar só, no período de conclusão dos trabalhos;

aos amigos Ruth Genta, José Geraldo e Rosimar que dispuseram de tempo para discutir leituras de textos,

à Ana Maria com o seu auxílio na orientação e revisão técnica das citações e referências bibliográficas;

ao Grupo de Estudo de Filosofia da UNESP, que através dos estudos e debates em nossos encontro, o amadurecimento de idéias

Agradecimento especial à **CAPES** - (Fundação coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior) que me concedeu bolsa de estudos por 2 anos, para realização deste trabalho.

Abstract

The presente dissertation shows an essay on the best use of reasoning (le bon jujement) and how it is articuleted on Cartesian Doctrine.

We could see, with that work, that de best use us of resoning is linked to the question of subject education, also found out in that doctrine itself.

Descartes thinks that to educated is practise the intellectual abitilies of reasoning, for establishing a reasoning for autonomous subject.

Education, now, works with de clear and distinct objects of mathematics and through that develops the ability of knowing for sure.

In that sense, Comenius' Didactics is a proposal that attends to the spectation of cartesian rationality promoting education through reasoning.

Impliciting to the rationalisty education of Modern subject is the desire of suppressing diversity in the world.

However, modernity finds out aspects in the subject himelf, that cannot be contained in the limit of reasoning.

This way, modernity is also the decline moment of rationalist education project.

unesp

ÍNDICE

Dedicatória IV

Agradecimentos V

Abstract VII

Índice VIII

Apresentação 01

PARTE I

Sobre as relações do pensamento cartesiano com o seu tempo 03

PARTE II

A concepção de Razão e os elementos que impõem a diversidade 08

Uma concepção de Razão 08

A diversidade encontrada na educação..... 09

O reconhecimento da diversidade na organização do mundo e no homem 13

Os preceitos para contrapor-se à diversidade no homem: um problema da moral 21

O que se reconhece como certo após a luta contra a diversidade? 24

PARTE III

Parâmetros para o exercício da razão na racionalidade

cartesiana 28

Condições para que haja a educação do espírito 28
A educação que se vale dos objetos puros para chegar à verdade 32
O bom uso da razão deve valer-se de ações puramente racionais 35
Distinção dos objetos com os quais a razão deve ser educada (exercitada) 39
A ordem como uma prerrogativa metodológica 45

PARTE IV

Por que é possível pensar em uma metodologia cartesiana? 49

As ações fundantes de um método para a educação .. 49
Indícios da consolidação do projeto cartesiano enquanto metodologia na Didática Magna de Comenius 54

Implicações dos postulados filosóficos para a concepção de uma Filosofia da Educação...... 63

BIBLIOGRAFIA 72

Apresentação

Uma investigação sobre determinado aspecto do pensamento de Descartes é o propósito deste texto. O enfoque recai sobre duas obras especificamente: as *Regras para a direção do espírito* e o *Discurso do Método*. O objetivo é mostrar, nestes textos, a diferença entre a razão e *o bom uso da razão*, e as dificuldades na sua operação.

Dever-se-ia acreditar que as instituições educacionais promovessem *o bom uso da razão*. Se isso não se verifica nem nas instituições nem no mundo, percebe-se um problema. O filósofo passa a decifrá-lo tanto na educação quanto nos costumes. Nesses contextos não há o uso mais adequado da razão, conclui Descartes. Encontra-se o homem vivendo num mundo de diversidade. Esta diversidade é considerada mais como propiciadora do erro que de acerto.

O critério de verdade e de conhecimento que chegam até o filósofo são diversos da sua doutrina. Mas as mais variadas transformações estão ocorrendo nesse sentido. O que se percebe é que o pensamento cartesiano, em seu tempo, desempenha uma função de síntese de um longo período de evolução do pensamento.

A sua teoria vai, nesse sentido, contrapor-se às doutrinas vigentes. A concepção de verdade trazida pela sua teoria implica na dissolução daquilo que ele entendeu como erro - diversidade do espírito. A reformulação do pensamento, como proposta por Descartes, impõe um questionamento ao, digamos assim, percurso educacional, no qual o homem está inserido.

Descartes desenvolve a sua reflexão mostrando a *diversidade* percebida e seu desapreço por ela, bem como as diferenças de uma educação a partir dela e uma outra a partir de outro caminho, mais afeito ao *curso natural da razão*. Ele não vai prescindir de mostrar o seu apreço às matemáticas, uma vez que é nelas que ele encontra os objetos com os quais bem pode usar a razão.

A certeza evidente é o fim último das operações da razão, quando operada segundo o critério de verdade, o critério da clareza e distinção.

unesp

O trajeto para constituir o seu Método comprova o valor necessário do *bom uso da razão*. Os frutos que decorrem desse procedimento são garantidos no próprio uso do Método, que se identifica com *o bom uso da razão*. Esta é uma forma segura de fazer ciência, como disseram alguns comentadores do *Discurso,* mas também o da própria educação, como testemunha Descartes.

O propósito desta dissertação é mostrar como o uso correto das faculdades da razão (que para Descartes é a sua concepção de uso natural da razão, ou ainda do *bom uso da razão*) constitui as bases fundamentais nas quais o modelo moderno de metodologia de educação é concebido.

Descartes, quando se refere à educação, busca na sua formação os elementos necessários para a sua crítica. Ele viabiliza saídas relevando práticas de ensino da matemática havidas e ressaltando a importância em desenvolver as habilidades da razão com uma nova Matemática. Enfatiza também uma conduta metódica no processo de busca da verdade, em forma de preceitos. Ao mesmo tempo que o pensador explicita a sua doutrina, ele confessa que tudo o que ele diz refere-se ao seu processo individual de educação; desta maneira as possíveis conquistas que advêm do *bom uso da razão* podem, entende ele, constituir-se numa preocupação daqueles que se colocam na atividade educativa.

A educação é uma necessidade que acompanha o projeto filosófico cartesiano com o fim de exercitar o espírito para desta maneira assegurar as garantias do seu método.

unesp

PARTE I

Sobre as relações do pensamento cartesiano com o seu tempo

Gilson desenvolveu um estudo acerca do pensamento cartesiano e de sua suposta influência recebida do pensamento escolástico - "Index scolastico cartesien". Dentre as várias indagações que o estudioso lança, ele levanta considerações se de fato houve uma influência evidente do pensamento escolástico na obra de Descartes. Ele observou que uma investigação que assim procedesse "não conduziria a nenhum resultado definitivo nem sobretudo completo"[1], porque a maior importância do pensamento cartesiano não se limita a observar qualquer influência, que pudesse ser constata como vinda da escolástica, antes sim que a sua obra está repleta de críticas ao pensamento anterior. É melhor considerar que houve relação entre Descartes com o pensamento escolástico, e dessa relação resultou em suas obras conceitos teológicos "que nem sempre são de origem escolástica."[2] Um estudo, que privilegiasse uma única concepção teológica, ou filosófica, seria evidentemente unilateral, pois a relação de Descartes com a Igreja e seu tempo é muito ampla , nesse sentido estar-se-ia desprezando uma verdade histórica. Pode-se dizer que há coisas no cartesianismo advinda do pensamento escolástico, como lembra Gilson, pois uma das características teóricas de Descartes é a argumentativa.

A presença do pensamento escolástico na obra de Descartes é patente no uso das expressões e concepções próprias da filosofia escolástica, mas estão presentes no texto de Descartes com objetivos claros. Quando Gilson assim os identifica, não o faz com intuito de entrar em desacordo com Descartes, que se diz um combatente dos velhos costumes, dos seus mestres do colégio de La Flèche e de todos que preservam o modelo escolástico. As

---

[1] "ne conduirait à aucun résultat definitif ni surtout complet." (GILSON, É. Le role de la pensée médiévale dans la formation du système cartésien. Paris : J. Vrin, 1951. p.11)
[2] "qui ne sont pas tourjours d'origine scolastique" (Idem, p.11)

origens escolásticas que Gilson afirma encontrar em Descartes são aquelas que se reportam à teologia, à constituição do Céu, principalmente as que se referem aos estudos das ciências, dos meteoros. Com isso não se quer afirmar que "ele empregou o termo no mesmo sentido que a Escola, nem que ele o adapta à doutrina.", mas sim que a sua obra está pontuada por aquela cultura. Descartes usa os termos da escolástica tanto para refutar como para apenas mencionar aquela doutrina, ou os termos lhe servem de uso com outro significado, conforme a sua apreciação, e aí ele modificaria o seu sentido teórico; o uso que se vê Descartes fazendo da escolástica "se limita àquele que se vale de um instrumento de trabalho."[3]

Gilson não acredita que Descartes tenha procedido a uma crítica da escolástica como se entende no sentido moderno da palavra.[4] A crítica havida possivelmente é em contraposição ao sentido pelo qual a escolástica pretende ser um ensinamento que se sustenta pela fé.[5] Há nisso a preocupação em afirmar que a filosofia de Descartes não nasce, pois, da escolástica. Há todo um contexto de descobrimento científicos que o provocam muito mais, que tomar de frente uma crítica à escolástica. A escolástica não se salvaria frente ao desenvolvimento científico objetivo, que começa a ser engendrado no séc. XV e XVI, uma vez que ela se sustentava cientificamente nos princípios aristotélicos, uma evidência disso é a descoberta do telescópio. A escolástica, segundo Gilson, é uma retomada interpretativa "da doutrina de Aristóteles num espírito cristão."[6] Por outro lado, essa nova ciência que surge no séc. XVII é sustentada pela verificação de um sujeito que evidencia o saber enquanto uma certeza, que necessita de uma subjetividade, um sujeito com autonomia para definir a verdade, segundo o uso própria da razão.[7]

---

[3] "il emploie ce terme dans le même sens que l'École, ni qu'il en adapte la doutrine"; "se limite à celle d'apporte un instrumento de travail". (GILSON, E. Index scolastico cartesien. 2.ed. Paris : J. Vrin, 1979. p. iv)

[4] Gilson, 1979, p. 358

[5] Gilson, 1979, p. 359

[6] "da doutrine d'Aristote dans un esprit christien."(Gilson, 1979, p. 362)

[7] O século XVII é suficientemente revolucionário para compor teoricamente críticas para o que já vinha se compondo há tempos. Nesse sentido, a filosofia cartesiana é uma teoria satisfatória para demonstrar os caminhos que o homem trilharia no uso da nova forma de conhecer. Koyré diz que: "A Ciência Moderna não brotou perfeita e completa, qual Atenas da cabeça de Zeus, dos cérebros de Galileu e de Descartes."

unesp

As *Regras para direção do espírito* são um indício bastante significativo da influência escolástica na doutrina cartesiana, pois Descartes a escreveu valendo-se de princípios filosóficos como os enciclopédicos, que enumeram máximas. Mas, a partir do momento em que Descartes começa a elaborar um método de verificação do conhecimento, ele se distancia dessa forma de saber escolástico e prima pela verificação da verdade segundo uma razão, que ele já começa a definir enquanto método, ou princípio, como no *Discurso do Método.*

O Método é uma espécie de consolidação da ciência cartesiana, conforme pode se verificar inclusive em correspondências. Numa carta a Huyguens, datada de março de 1638, Descartes questiona os escolásticos porque acreditam, como Campanella, que se pode conhecer Deus pelas coisas que vemos na natureza.[8] Esta carta é um indício de que Descartes, nesse período, objetivamente já se definiu pela sustentação de um método específico

---

(Koyré, A. 1966. p.176) Esses pensadores, considera Koyré, enfrentaram dificuldades para consolidar as suas teorias e a importância destas para a modernidade.

Foi Descartes, e não Galileu, quem "pela primeira vez entendeu o alcance e o sentido" da teoria de Inércia. Isto porque Galileu hesitou em admitir as conseqüência últimas da sua própria concepção de movimento, que só foi consolidada, posteriormente por Newton, embora os princípios todos estivessem dados por Galileu. Descartes não hesitava jamais em levar as últimas conseqüências qualquer princípio que fosse muito simples, como era o de Inércia. Avalia Koyré que: "O princípio do movimento de inércia nos parece perfeitamente claro, plausível e mesmo praticamente evidente".(Koyré, 1966. p. 181) O corpo deve permanecer em repouso, como está, e não há porque se mover espontaneamente. De outro modo, uma vez posto em movimento, ele continuará a se mover na mesma direção, com a mesma velocidade porque não se vê nem razão nem causa para que ele mude. Assim se percebe hoje, como algo não apenas plausível mas evidente. De fato, o que se percebe como "evidência" é algo que há bem pouco tempo se aprendeu assim a observar, e nesse sentido atribuem os cientista, atualmente, a Galileu e a Descartes.

Não foi trabalho simples para que assim fosse aprendido e concebido, como algo natural. Para os gregos isso seria inconcebível e para os medievais motivo de condenação. Hoje ensina-se nas escolas, para crianças, como algo natural, mas porque se aprendeu a ver com naturalidade isso que não é senão uma conquista histórica da representação da subjetividade. Se entender princípios parece, hoje, coisa simples e fácil, houve sábios contemporâneos a Descartes que não pode jamais aceitar.

O que perpassa a razão humana e que o filósofo teve que trabalhar para tornar aceito esses princípios foram habilidades da razão. Outros conceitos novos tiveram que ser cunhados. Uma nova concepção de ciência surgiu, uma nova filosofia.

Hoje não é costume estranhar os conceitos modernos, mas sim que alguns tomem por absurdo os conceitos antigos. Isso porque há proximidade e vivência com as conquistas derivam da ciência moderna. Por isso não se percebe com justo valor o que elas significaram ao seu tempo.

Mais notório se torna o nosso hábito devido a convivência com esses conceitos: "o conceito galileano do movimento (assim como o espaço) nos parece de tal modo natural que nós cremos mesmo que a lei de inércia deriva da experiência e da observação, se bem que, com toda evidência, ninguém jamais pode observar um movimento de inércia, pela simples razão de que um tal movimento é inteira e absolutamente impossível."(Koyré, 1966. p. 181) Isso porque não se dá mais atenção de que o aprendizado moderno prescreve que a natureza é escrita, a partir de então - da revolução moderna do conhecimento - segundo as leis da matemática. Aprendeu-se que o espaço real é o espaço geométrico, e assim, representa-se o mundo como se fora um tratado matemático.

[8]DESCARTES, R. Ouvres de Descartes: correspondance, mars 1638 - décembre 1639. Publiées par C. Adam & P. Tannery. Paris : J. Vrin, 1988. v. II. p. 47-52, 280-2, 282-6. p. 50

unesp

de uma nova ciência, e se mostra descontente com a prática científica daquele tempo. Para tanto, pode-se mostrar como o pensador já acena com a justificativa de algumas regras, de como tornar possível o método de uma ciência. A tese de Silveira pode contribuir nesse sentido, porque ela trabalha com uma preocupação sobre a data mais provável de publicação das *Regras para a direção do espírito*. Nesse momento, ainda não há uma razão originalmente constituída, própria à filosofia cartesiana, mas se encontram os indícios de uma ciência universal - isso já está bastante situado e pode determinar uma relação de divergência com a escolástica, no sentido de que já há o abandono de uma forma de conhecimento, apontando para uma nova ciência.[9]

Em *Regras para direção do espírito,* que provavelmente data de 1628, Descartes expõe um conjunto de procedimentos, o que pode indicar o prenúncio de um método e de uma ciência. Mas, em *Discurso do Método* já há uma proposta de investigação da verdade, que é segundo uma ciência, a Mathesis Universalis.

Se, de fato, o pensamento de Descartes tem sua origem fincada no pensamento antigo e escolástico, deve-se perceber que a relação estabelecida é de divergência, principalmente porque no pensamento cartesiano há um novo estatuto da verdade.[10] Esse não é mais o da autoridade, mas sim o da evidência

---

[9] Silveira, 1985, p. 363

[10] Descartes se recusa a acatar como princípio de verdade as idéias originadas das teorias das essências, cujas categorias impõem uma hierarquia, bem como aquela dos empiristas, cuja corrente vem sendo difundida amplamente entre os filósofos ingleses. Se a verdade não é aquilo que se predica de Deus ou das essências, também não é aquilo que os sentidos determinam como cópia fiel das impressões: as idéias. A imaginação, responsável pela apresentação das idéias, contém várias delas, sem poder, contudo, aplicar-lhes o menor julgamento.

Em Descartes a faculdade de conhecer e o uso da razão ganham princípios e critérios precisos. Pode-se afirmar isso porque conceber e julgar passam a ser ações destacadas em importância e função, quando se referem a um método. Conforme ele considerou na Regra XII, a imaginação - bem como o entendimento, a memória e os sentidos - é mais uma faculdade importante para ter-se uma intuição distinta. ("Só o entendimento é capaz de ver a verdade, no entanto, ser ajudado pela imaginação, pelos sentidos e pela memória, para não omitirmos de quanto se oferece à nossa indústria. (Descartes, 1989. p. 65-6.)

Descartes diverge dos antigos e escolásticos, como dos empiristas, porque acredita que só conhecendo a alma é que se pode chegar a conhecer a verdade; dos sentidos não pode surgir uma certeza: "E isto é assaz manifesta pelo fato de os próprios filósofos terem por máxima, nas escolas, que nada há no entendimento que não haja estado primeiramente nos sentidos, onde todavia, é certo que as idéias de Deus e da alma jamais estiveram." (Descartes, 1983, p.49) A idéia de perfeição não pode estar na natureza, onde as coisas são perecíveis, onde a nossa relação se dá sob incertezas e enganos dos sentidos.

unesp

da razão, cuja regra não incide somente sobre a conduta do agir moral, mas estabelece *uma condição de educação da própria razão*, que a si mesma deve orientar-se, e que o conhecimento implica, a partir de então, na possibilidade da representação da experiência, segundo um método rigoroso.

Surgem, ao lado dessa nova concepção de razão, as condições suficientes para se pensar numa *concepção de saber e de educação*, inclusive *a educação da própria razão.*

Quando essas considerações são verificadas na leitura de algumas obras de Descartes, nas quais se vislumbra a nova forma de pensar, percebe-se que a educação é um ordenamento da própria razão. Nesse contexto a escola perde a sua função de informar o conteúdo, e deve passar a ser a promotora de habilidades para o exercício científico das possibilidade intelectuais do sujeito, que é o exercício da própria razão. Os princípios elementares do saber, difundidos pelos escolásticos, que eram a propedêutica científica, firmada numa teologia, perdem o sentido da sua justificativa primeira, a da revelação da verdade. E a educação passa a ser o exercício de uma razão firmada numa subjetividade autônoma, capaz de conceber a própria certeza.

Se as considerações cartesianas puderam ser efetivadas nos sistemas escolares, ou seja, se as escolas se tornaram mais racionais, isto é uma outra questão. Mas, de outro modo, o critério de educação passa a ser o racionalista. A educação deixa de priorizar a retórica e a argumentação tão cultivadas pelas *disputationes* escolásticas e passa a orientar o homem para uma condição necessária do sujeito, que é desenvolver as habilidades da razão sob princípios de rigores metódicos, em favor de uma ciência.

Um problema para o conhecimento está posto no século XVI: a necessidade de abandonar o conhecimento do senso comum. Mas não há uma teoria que subsista ao poder e ao dogmatismo que ainda vige, conforme expressou Bacon quando através dos ídolos enumera os problemas dos erros e preconceitos com os quais o conhecimento tem que lutar.

unesp

PARTE II

A concepção de Razão e os elementos que impõem a diversidade

Uma concepção de Razão

Qual é a coisa do mundo mais bem partilhada? O *Discurso do Método* diz: É o bom senso, "pois cada qual pensa estar tão bem provido dele..." que não deseja tê-lo mais do que o tem.[11]

Se de fato isso se verifica no mundo, por que não se constata que o consenso também seja algo fácil de ser conseguido? Quando se pergunta assim, espera-se que o bom senso ou a razão, que é justamente "o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso", seja um dote natural dos homens, para que o consenso se verifique no mundo. Já que todos possuem a razão, era de se esperar que as opiniões dos homens não se dessem de forma tão diversa. Todavia, no mundo, à revelia do compartilhamento da razão pelos homens, o que se verifica é que o consenso não prevalece, mas, sim, a diversidade das opiniões. Se é a diversidade que prevalece, por que ocorre essa situação? Respondendo a isso, Descartes coloca a questão do *uso da razão*: "não é suficiente ter o espírito bom, mas aplicá-lo bem". Aceita-se que o homem tem o espírito bom, contudo, nessa vida se verifica que o homem é capaz tanto das maiores virtudes quanto dos maiores vícios. Acreditou-se assim, porque se pensou, segundo o costume, ser suficiente ter o espírito bom para fazer dele um bom uso, como numa relação de causa e efeito. Esse costume faz com que se conduzam os "pensamentos por vias diversas e não (se considerem) as mesmas coisas".[12] Para Descartes, não é suficiente ter o espírito bom, mas deve-se saber aplicá-lo bem.

---

[11] Descartes, op.cit. 1983. p. 29.
[12] Idem, ibidem.

unesp

A diversidade encontrada na educação

Descartes, neste texto, apresenta uma concepção, acerca da natureza humana, de acordo com os antigos, de que ela seja uma mesma entre os homens. E é a razão que concede à natureza humana a característica que a distingue dos animais. Mas se é posto que os homens têm uma mesma natureza e a razão é a mesma entre os homens, ainda assim subsiste a diversidade — isso é um problema para Descartes.[13]

Apesar de Descartes se encontrar num mundo de diversidade de opiniões, ele mesmo não se encontra perdido. Ele se sente privilegiado e diz ter tido muita felicidade, porque pôde constituir para si, desde a sua juventude, um método, pelo qual pôde aumentar gradualmente o seu conhecimento. O método

---

[13] Essa é a primeira formulação de uma seqüência de divergências que se encontra na doutrina cartesiana relacionada à concepção de razão. Conhecer, para os antigos, é uma habilidade sensorial: "Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer: uma prova disso é o prazer das sensações, pois fora até da sua utilidade, elas nos agradam por si mesmas e, mais que todas as outras, as visuais." (Aristóteles, 1984a, p. 11) Trata-se de uma atividade natural dos humanos e qualquer um pode se exercitar com prazer, pois se trata de um ato espontâneo. Essa é uma condição privilegiada dos órgãos humanos para a aquisição dos "conteúdos" do pensamento. A execução de uma experiência e a compreensão da mesma é imediata, porque os sentidos percebem o que é necessário para que haja conhecimento. Na doutrina aristotélica, que perpassa toda a Idade Média, não se questiona o processo de conhecimento, porque os sentidos são fontes naturais da apreensão de saberes, apesar de algumas modificações, quando se introduz, por exemplo, um problema de erro lógico. Os erros não provêm dos sentidos, mas das demonstrações silogísticas. As experiências fornecem os elementos que constituem "os conhecimentos mais seguros dos singulares". (Idem, p. 12)Constata-se, assim, o papel importante dos sentidos inclusive porque possibilitam ao indivíduo o conhecimento, que vai constituir as ciências e as artes.
Em Aristóteles, essa definição de razão é original, porque dela partem os aspectos característicos do ser humano, que os diferem dos outros animais, para além das habilidades dos sentidos, como é a possibilidade de recordar experiências na memória. Mas a capacidade da memória não se restringe a recordar experiências. O homem pode repetir, várias vezes, da mesma forma e quantas vezes desejar as suas experiências. Para os antigos, é dessa condição, do fazer e exercitar uma mesma prática, que surge a possibilidade de se criarem as ciências e as artes: "E a arte aparece quando, de um complexo de noções experimentadas, se exprime um único juízo universal dos [casos] semelhantes." (Idem, p.12)
As experiências, quando memorizadas, constituem noções, na concepção aristotélica. Nisso Aristóteles distingue uma peculiaridade do conhecimento que é a questão dos universais. As noções constituídas são elementos que possibilitam a comparação entre seres. E elas consolidam-se como o cerne para a elaboração do conceito de juízo universal. Se são verificadas várias experiências semelhantes, elas passam a ser generalizadas como princípios de uma ciência. E os juízos ocorrem porque provêm das similitudes admitidas entre as diversas experiências, ou seja, a partir da igualdade percebida entre as diversas verificações possíveis, obtidas nas experiências. Mas a generalização encontra ressalva mesmo no pensamento aristotélico, pelo fato de que as experiências são verdadeiras já no limite da sua singularidade. Uma realidade individual é sempre referência de um conhecimento de maior segurança, porque é adquirido pelo indivíduo.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 12 13 14 15 16 17 18

é o que importa para chegar à sabedoria. E, assim, foi seguindo um método que ele, como afirma, teria feito mais progresso "na busca da verdade"[14] que outros.

Descartes quer, com o *Discurso*, explicitar a sua trajetória para alcançar a verdade, o que seria, pelo menos para ele — como insiste — o melhor caminho que se pode escolher para tal. O *Discurso* quer demonstrar os procedimentos cumpridos segundo os quais ele se serviu para se educar no bom uso de sua própria razão. Embora tal texto explicite uma trajetória aparentemente pessoal, como o próprio Descartes afirma, sua apresentação é o traçado de um caminho reto e verdadeiro para atingir o saber, traçado este que poderia ser por outros apreciados e, talvez, seguido. Nele estão contidos, qualidades específicas da razão, a capacidade de julgar e distinguir corretamente. Talvez, com isso, ter-se-ia a forma de criar o universo do consenso, banindo da ciência a possibilidade de se instaurar, nesse saber, a diversidade.

O pensador mostra, então, quais caminhos ele percorre, zeloso para não se perder, se enganar, ou cair no erro. Nessa exposição, Descartes retoma sua educação de juventude para expô-la criticamente.

A educação escolástica se efetivara por meio das disciplinas do quadrivium: Letras, História, Poesia e Retórica. O propósito é mostrar como tudo isso se constitui num engano. As letras, por exemplo, apenas ofereceram conhecimentos que o levaram a perceber-se enleado em dúvidas e erros. Ele percebeu que todos que a estudavam, ocupavam, após findar os estudos, a classe de doutores, mas que ele, sendo honesto consigo mesmo, só pôde admitir a sua própria ignorância. Descartes não havia deixado de estudar as ciências, mesmo as mais curiosas e mais raras. Mas constata, no final, que todos esses conhecimentos não puderam comprovar aquilo pelo que haviam-no feito esperar, ou seja, que alcançaria um grande saber após tudo ter aprendido daquilo que era oferecido em cada disciplina.

Os exercícios que as disciplinas proporcionam não são desprezados por Descartes. Ele os reconhece válidos, mas possuem limites. As disciplinas

[14] Descartes, 1983. p.30.

unesp

jamais teriam a função que o método pode oferecer-lhe, que é a de conduzir à verdade, pois implícito à cultura veiculada nas disciplinas vão alguns vícios ou erros. Estes têm a ver com a diversidade, como se expõe no que segue.

As línguas aprendidas são necessárias para a compreensão dos livros antigos, cujo conhecimento possibilitaria manter diálogo com os de outros séculos. Descartes preteriu essa possibilidade, preferindo viajar à conhecer os costumes dos outros pelos livros. Mas essa atividade impunha-lhe o risco de se tornar estrangeiro no seu próprio país, ou seja, perder a adequação dos costumes. Tornar-se estrangeiro aos costumes, isto é ter opiniões diversas, diferentes daquelas orientadas pelos antigos costumes. Aqui, Descartes enfrenta, ou começa a enfrentar a questão da diversidade.

Descartes, quando percebe a diversidade das opiniões não se restringe a concebê-la sob o aspecto daquilo que é diverso numericamente, como compreendiam os antigos. O diverso era "a distinção numérica que se tem quando duas coisas não diferem em nada, exceto por serem numericamente distintas, a pura negação da identidade"[15], ou como o "termo foi empregado por Aristóteles, para significar tudo aquilo que sendo real, não é idêntico e a diversidade destes admite vários degraus".[16]

Descartes nos coloca uma outra compreensão de diversidade, que é a condição de subsistirem simultaneamente coisas que não podem ser substituídas umas pelas outras e que permanecem sendo elas mesmas. Apesar de serem portadoras da mesma natureza, contêm predicados próprios que não podem ser atribuídos a outras coisas. São diversas entre si por condições absolutamente distintas. É o universo em que se dá a apreensão da realidade sensível. Não se pode adquirir o consenso sobre coisas que são apenas semelhantes. Essas semelhanças se verificam por meio de percepções, e esta não é, na teoria de Descartes, a base segura para se fundamentar o conhecimento.

Quando Descartes afirma que foi "nutrido nas letras, desde a infância" e persuadiu-se de que, "por meio delas, se podia adquirir um conhecimento claro

---

[15] Dicionário de filosofia. N. Abbagnano. São Pulo : Mestre Jou, 1962.

unesp

e seguro de tudo que é útil à vida", sentiu nelas um extraordinário desejo de "aprendê-las", porque seu desejo é a apreensão da verdade clara e distintamente, mas o que se verificou foi que esses saberes só podiam confundir-lhe mais e jamais haveriam de promover o consenso, pois "as fábulas fazem imaginar como possíveis muitos eventos que não o são, e mesmo as histórias mais fiéis, se não mudam nem alteram o valor das coisas para torná-las mais dignas de serem lidas, ao menos omitem quase sempre as circunstâncias mais baixas e menos ilustres, de onde resulta que o resto não parece tal qual é, e que aqueles que regulam os seus costumes pelos exemplos que deles tiram estão sujeitos a cair nas extravagâncias dos paladinos de nossos romances e a conceber desígnios que não ultrapassam suas forças".[17]

As Matemáticas, então, aparecem mais úteis: "Comprazia-me com as Matemáticas, por causa da certeza e da evidência de suas razões".[18] A sua satisfação com as Matemáticas advém do fato de que elas operam com clareza e distinção, todavia, também aqui, os doutos das escolas teriam feito mau uso delas. Objetivaram seu fim último na mecânica e se esqueceram da sua possibilidade de operar pela intuição, coisa que Descartes privilegia. Os objetos puros da Geometria, por exemplo, são de compreensão imediata pela luz natural da razão.

A Filosofia é outro saber desprezado por Descartes, pois seus princípios são muito mal fundamentados, visto inclusive pela forma como suas descobertas eram apresentadas. Se os próprios doutos da Filosofia apresentam sobre uma mesma matéria opiniões diversas e opostas e esperam que possam existir várias delas que sejam verdadeiras, ao método cartesiano não cabe tal princípio de verdade. A evidência de uma verdade exclui qualquer juízo de verossimilhança. Assim, as demais ciências não poderiam estar no caminho do rigor, pois se a Filosofia é a base fundamental de todas ciências, estas últimas estariam muito mal alicerçadas, se a base é falsa.

---

[16] Dicionário de vocabulário de filosofia. André Laland. Paris : J. Vrin, 1966.
[17] Descartes, 1983, p.31.
[18] Idem, p. 32.

unesp

No texto do *Discurso* observa-se Descartes fortemente determinado em se empenhar para alcançar o saber verdadeiro. Segundo ele mesmo, quatro pontos contaram em seu favor: ele havia atingido uma idade em que já não estava submetido à autoridade de um preceptor que orientasse quanto a sua educação; por conta desse fato, ele se pôs a viajar, com o intuito de conhecer outras culturas; ele se pôs a indagar acerca de um princípio seguro para sua ciência; ele aprendeu a reconhecer raciocínios mais verdadeiros naqueles relacionados com os costumes dos homens, nos seus negócios do dia-a-dia, do que naqueles homens de letras, em seus gabinetes. Esses últimos são menos verdadeiros ainda, porque aprenderam a esforçar-se em se servirem de raciocínios astuciosos, para tornarem as especulações em raciocínios verossímeis.

A opção por fazer viagens e conhecer outros povos é suficiente para Descartes verificar que todos os homens que se fundamentam pelos seus costumes possuem tanta diversidade quanto as opiniões dos filósofos. Não é possível estabelecer qualquer princípio de verdade a partir dos costumes, pois alguns costumes que são terminantemente rejeitados por um povo, podem ser totalmente aprovados por outro. Assim, não se sustenta um princípio forte para exclusão de qualquer um deles: "aprendi a não crer demasiado firmemente em nada do que me fora inculcado só pelo exemplo e pelo costume".[19] A diversidade, nos costumes e na Filosofia, não se aproxima da verdade, pois a verdade só pode ser apenas uma, e a diversidade não possibilita o consenso.

O reconhecimento da diversidade na organização do mundo e no homem

A desmontagem da forma de educação que era promovida pelos sábios e doutores, a desautorização do saber contidos nos livros utilizados por eles, põe Descartes a pensar na urgência do seu método. O método cartesiano possui, para o seu autor, a função auto-educativa. No subtítulo do *Discurso* lê-se que o

[19] Idem, p. 33.

unesp

seu propósito é o de "bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências". A publicação do texto revela a experiência do pensador. Ele reafirma: "Nunca o meu intento foi além de procurar reformar meus próprios pensamentos, e construir num terreno que é todo meu".[20] O objetivo de Descartes é específico e pessoal, em relação ao *Discurso*, tanto que quando o publica, busca assegurar fidelidade ao processo percorrido, e nisto se inclui a concepção do método e a manutenção do rigor do mesmo, de modo que outros possam, se quiserem, servir-se dele. O *Discurso* apresenta as suas finalidades precípuas do método: fortalecer o espírito e garantir a ordenação do pensamento.

A trajetória cartesiana na busca do melhor uso da razão é mediada pela introspecção e pela atenção do espírito voltado para si mesmo. Essas condições se interpõem como necessárias para o exercício do pensamento. Esse estado do espírito é mencionado pelo pensador em sua estada na Alemanha: "não tendo encontrado nenhuma freqüentação que me distraísse, e não tendo, além disso, por felicidade, quaisquer solicitudes ou paixões que me perturbassem, permanecia o dia inteiro fechado onde dispunha de todo o vagar para me entreter com os meus pensamentos".[21]

No vagar reflexivo surge problematizado o tema da diversidade, a partir do aspecto figurativo das coisas que se mostram aos sentidos e que não são ordenados pela razão. A arquitetura de uma cidade, por exemplo, parece compor um conjunto, mas se observada com atenção[22], vê-se que não se trata de um todo perfeito e sobre tal coisa pesa a perda de algumas qualidades. Para fazer essa consideração sobre a arquitetura, Descartes observa a imperfeição do processo de desenvolvimento da mesma e as conseqüências decorrentes deste processo: "não há tanta perfeição nas obras compostas de várias peças, e feitas pela mão de diversos mestres, como naquelas em que um só trabalhou. Assim, vê-se que os edifícios empreendidos e concluídos por um só arquiteto costumam ser mais belos e melhor ordenados do que aqueles que muitos

---

[20] Idem, p.36.
[21] Idem, p.34.

unesp

procuraram reformar, fazendo uso de velhas paredes construídas para outros fins".[23]

Essa análise tende a valorizar a unidade, cujas características são mencionadas no *Discurso*: a perfeição e a ordenação. O inimigo continua sendo a diversidade. Não compete à razão o acaso, pelo menos como a percebemos na concepção cartesiana. A razão é o elemento de que o homem se serve para promover a ordenação dos elementos, para dessa forma compor-se a totalidade. Sempre é possível distinguir o uno do diverso, usando-se a razão. Referindo-se à arquitetura caótica das cidades, aquelas que no início eram pequenos burgos, Descartes acusa-lhes a ausência de beleza e de ordenação, devido à evolução das cidades. Os funcionários designados para fiscalizar o crescimento das cidades — diz ele — não são suficientes para dissipar o problema da diversidade, porque nas suas origens, as cidades sempre estiveram à mercê do interesse e da imaginação dos vários construtores. Por esse motivo não se observa uma ordenação. Conclui-se, que é mais bem policiado um povo cujas leis foram constituídas por um único legislador, do que os povos que formaram suas leis conforme foram se desenvolvendo. Os povos que tomaram por princípio as leis de Deus, estariam mais bem regulamentados que aqueles que se valeram de leis constituídas por seus costumes ao longo do tempo. A importância dessas considerações ressaltam, no conjunto, o valor de se ter a orientação de um único mestre ou legislador ou preceptor, porque, se as leis fossem "inventadas apenas por um só, tendiam todas ao mesmo fim".[24]

O que Descartes entende por diversidade foi percebido por ele, segundo diz, quando ainda criança. Ele se refere a esse período como sendo o tempo em que todos os apetites bem como os preceptores se fazem presentes na sua vida, e é o período em que a diversidade se dá predominantemente. Os apetites e os preceptores "eram amiúde contrários uns aos outros e que, nem uns nem outros, nem sempre, talvez nos aconselhassem melhor".[25]

---

[22] A referência está sendo feita tendo em vista a concepção de uso da razão que começa a ser delineada nas "Regras para a direção do espírito". A razão aprecia bem quando o objeto é distinto.
[23] Descartes, op.cit., p34.
[24] Idem. p.34
[25] Idem, p.35.

unesp

Os costumes não são úteis à razão. A sua utilidade, ainda que de modo relativo, serve ao homem na medida em que o faz sentir-se filho do seu próprio país; os preceptores não são os verdadeiros guias do homem, tampouco sabem da importância do uso da razão, pois não foram educados segundo os seus princípios e nem educam valendo-se deles; as escolas não fazem melhor com respeito à educação, pois ensinam a diversidade, seja pela história, seja pelas letras.

Descartes revela um grande pesar acerca do processo educativo: "é quase impossível que nossos juízos sejam tão puros ou tão sólidos como seriam, se tivéssemos o uso de nossa razão desde o nascimento e se não tivéssemos sido guiados senão por ela".[26]

O processo educacional vai provocando um mau uso da razão, cujo resultado é a precipitação, ou seja, a propensão de emitir juízos à revelia do uso da razão. Falando de si mesmo, Descartes diz que só tardiamente a sua razão pôde ser usada devido aos desvios provocados pelas escolas, pelos costumes e pelos preceptores. Todavia, se o ensino das escolas, dos costumes e dos preceptores não nos ajudam, o que colocar no seu lugar durante o tempo em que se está apenas constatando suas deficiências, e ainda nada se elaborou?

Descartes, não vê como é possível deixar para trás todo o conhecimento adquirido e introduzir no seu lugar, de imediato, algum outro. Essa atitude pode ser comparada àquela de demolir a própria casa, para ficar, conseqüentemente, desabrigado. Sua proposta é a de ajustar o saber "ao nível da razão". Faz-se melhor assim do que apenas ajustá-lo a velhos fundamentos "que desde que foram adquiridos não se investigou se eram verdadeiros".[27]

A atitude do pensador em relação ao saber não é a de agir com o propósito de transformar o conhecimento de todo um povo. Se um conhecimento é imperfeito e isso é do domínio de todos, basta que se constate tal imperfeição disseminada, da mesma forma como se constata a diversidade, e se o povo as têm numerosas, não se deve pretender mudar a todos, pois "são

---

[26]Idem, Ibidem.

unesp

quase sempre mais suportáveis do que o seria a sua mudança".[28] Não faz *bom uso da razão* quem desejar chegar a um fim, sem que percorra o processo que lhe é pertinente. Os caminhos que se tornam pouco a pouco tão batidos "é melhor segui-los do que tentar ir mais reto, escalando por cima dos rochedos e descendo até o fundo de precipícios".[29]

Descartes tem que pensar a questão de que a moral se constitui também por juízos e os homens agem segundo os seus próprios. Isso se sabe porque já se constatou que não há um princípio a guiá-los, mas sim a diversidade da cultura e dos saberes. Portanto, é feita a consideração de que aqueles que possuem "temperamentos perturbadores e inquietos" e se colocam em ofícios públicos sem terem aptidão[30] para tal, sempre promovem reformas. Essas pessoas levam o povo a trilhar caminhos incertos, tanto o cimo das montanhas como os precipícios. Não seria essa uma forma de se promover o consenso? Ela se assemelharia mais à loucura. Não é esse o emprego da razão esperado por Descartes. O seu projeto é apresentado como um exercício pessoal, em um processo. O *Discurso* revela o método, e esse é o relato de seu próprio caminho para o bom uso do razão e, com isso, ele, como diz, não oferece a outrem uma receita pronta para que dela se sirvam. Expõe seu caminho para efeito de comparação, à disposição dos leitores, que devem ter seus próprios caminhos e experiências.

Demolir a casa, que é a resolução para se desfazer das opiniões que não são verdadeiras, porque algum dia delas já se duvidou, ou desfazer-se das opiniões a que alguma vez já se tivesse dado crédito é um desígnio que não pode ser adotado pelas pessoas, pelo menos não na sua quase totalidade.

Segundo Descartes há "quase tão somente duas espécies de espíritos": os espíritos que se suspendessem seus juízos, estariam de uma ou de outra forma perdidos no seu caminho. Esses seriam os precipitados em emitir seus juízos. Se duvidassem dos princípios, jamais se reconduziriam à senda correta,

---

[27] Idem, Ibidem.
[28] Idem, Ibidem.
[29] Idem, Ibidem.
[30] entende-se que são aqueles que não foram chamados nem pelo nascimento nem pela fortuna - Descartes, op.cit. p.35.

unesp

e estariam fadados a permanecer sempre extraviados de seus caminhos. Outra espécie seriam aqueles que se submeteriam a seguir a opinião de outrem, por se sentirem menos aptos para emitir seus próprios juízos. Não é o caso do filósofo. Ele continua no seu caminho. A hipótese aqui levantada deve entender a vida prática. A questão da diversidade no campo da moral infere que ela provenha da educação recebida. Há homens que ouviram a um mestre, e nesse caso poderiam segui-lo sem se dar conta "das diferenças havidas em todos os tempos entre as opiniões dos mais doutos". [31] Mas há outros que foram educados nos colégios e estariam fadados a um comportamento distinto da submissão em que os primeiros se encontram. Portanto, as pessoas convivem com a diversidade e foram dessa forma educadas, e não puderam perceber como surge a diversidade (diferenças de opiniões). Adquiriram um comportamento sem poder perceber que a autoridade para dizer o que é verdadeiro provém mais pela posição que os mestres possuem na sociedade, que de fato pela ciência.

As viagens de Descartes, segundo seu testemunho, contribuíram para que ele percebesse e se assegurasse que os povos têm sentimentos contrários uns aos outros e, nem por isso, devem ser considerados mais ou menos racionais. Se os costumes se constituem, para os povos, como base para os seus julgamentos, devem também estar cientes de que esses são relativizados pela história, pois se transformam com o tempo. Então, se a racionalidade não é determinada segundo o que se observou pelo costume, então não há que se julgar um povo como mais ou menos racional por aquilo que ele apresenta como seus costumes. As viagens, a educação, a vivência de Descartes somaram-se para comprovar-lhe, com respeito à diversidade, que diante da verificação da pluralidade de opiniões, resultam elementos que em nada contribuem para se obter a verdade, que é o fim a que ele se determina: "eu não podia escolher ninguém cujas opiniões me parecessem dever ser preferidas às de outrem, e achava-me como que compelido a tentar eu próprio

[31] Idem, Ibidem.

unesp

conduzir-me"[32] Ele se definia "como um homem que caminha só e nas trevas"[33]. As trevas, que podem ser compreendidas como o pouco, ou o mau uso da razão, principalmente no período em que fora educado por outros, propiciaram a Descartes buscar os exercícios das Matemáticas, cujos objetos são de fácil apreensão pela intuição.

Para efetivar o exercício do espírito, Descartes diz que havia estudado entre as partes da Filosofia, a Lógica, e entre as Matemáticas, a Análise dos geômetras e a Álgebra. Entende que a Lógica não trabalha com a evidência da razão, pois os seus preceitos nem sempre se mostram verdadeiros. Na geometria e na Álgebra dos modernos percebe raciocínios que não exercitam o entendimento e abusam da imaginação, até fatigá-la. Por fim, Descartes diz que restringiu-se a quatro preceitos da Lógica, jamais abandonando-os durante todo o processo, para assim constituir os princípios de seu método.

O primeiro preceito quer corrigir dois enganos costumeiros: o de julgar sem o uso da razão — a precipitação; e o de se assegurar nos costumes, nos preceitos aprendidos desde a infância — a prevenção.

O segundo preceito indica a possibilidade de dividir aquilo que é difícil em partes, ou seja, transformar um problema que se apresenta desordenadamente em parcelas, divididas em quantas partes forem possíveis e necessárias, até que cada parte possa ser apreendida pela intuição, que é condição de um objeto simples.

O terceiro preceito é ordenar esses objetos simples conforme o grau de sua complexidade. É uma escala de degraus que se segue do conhecimento mais simples e intuitivo até chegar à dedução de um conhecimento composto.

O quarto preceito é o de se chegar ao último degrau do conhecimento, certificando-se de que tenham sido feitas tantas enumerações ou parcelamento das etapas, quantas tenham sido possíveis, revisando cada etapa, para obter a certeza de que nada tenha sido omitido.

---

[32] Idem, Ibidem.
[33] Idem, Ibidem.

unesp

Expostas essas etapas e condições do método, pode-se afirmar que Descartes se sente feliz. Ele entende que a ordenação que se faz, quando se vale das cadeias de razões, a que são possíveis todas as coisas que se queira conhecer, é um dado suficiente para a validade do seu método.

Descartes julga, também, ter encontrado o caminho pelo qual se conheceria "todas as coisas possíveis de cair sob o conhecimento dos homens"[34]. As coisas possíveis de serem conhecidas devem seguir umas às outras. Os enganos, segundo ele, poderão ser evitados, se o espírito tomar a firme resolução de se manter no caminho do método, seguindo a ordem das razões. O início ao conhecimento das coisas deve seguir o caminho assegurado pela regra, a partir das coisas "mais simples e pelas mais fáceis de conhecer"[35].

O espírito forte seria aquele que se acostumou a se alimentar de verdades e guardar sempre a ordem necessária de deduzir uma verdade da outra, e assim chegar àquela mais afastada, a tal ponto que não haja mais nada que seja possível de se descobrir. As partes da Matemática já citadas[36] são consideradas, porque nelas encontrou a possibilidade de conferir aos objetos a condição de examiná-los segundo proporções. Dessa forma, tornar-se-ia possível compreender e reter vários objetos e analisá-los em conjunto. O uso da razão segundo o método é a condição necessária para ordenar cientificamente a razão.

A conduta metódica, cujos preceitos Descartes adota para solucionar, desde os problemas mais simples até os mais complexos, converte todos os objetos em coisas fáceis. Essa é a senda almejada para chegar ao consenso, porque o uso do método é a condição suficiente para o *bom uso da razão*. O contentamento de Descartes deve-se ao "fato de que, por ele estava seguro de usar em tudo a razão".[37]

---

[34] Idem, p.38.
[35] Idem, p.39.
[36] Análise dos geômetras e Álgebra
[37] Descartes, op. cit. p. 40.

unesp

Os preceitos para contrapor-se à diversidade no homem: um problema da moral

Descartes se propôs demolir a sua casa, ou seja, passar em revista todo o seu conhecimento. Visto que quando são solapadas as fundações de uma casa, não se tem mais um abrigo, ele julga prudente ter um lugar para se abrigar até que, novamente, uma nova casa possa ser construída.

Esse projeto se fez de forma ampla, até a moral constituída ao longo de sua vida estava sendo julgada, ela deveria ter fundamentação em princípios verdadeiros. Assim, o projeto de demolição de sua casa, ou seja, da revisão dos conhecimentos, não teve início, enquanto os seus preceitos estivessem em suspensão, enquanto não pudesse estar agindo segundo uma moral ainda que provisória. O homem não deve estar desprovido de uma moral, fato que o impediria de poder agir. Há que existir sempre um recanto seguro para que o homem não se torne um inerte, ou melhor, que figure "irresoluto".[38]

A suspensão dos juízos, primeira conduta para proceder à sua reforma moral, visa coibir a precipitação e a prevenção. Lembrando da advertência anterior, de não deixar o homem desabrigado, mantendo-o um ser ativo, Descartes advoga uma moral provisória.

Descartes enuncia as máximas que deverão orientar as suas ações, enquanto a sua razão deve permanecer se exercitando no método, cultivando-se em prol da verdade. Os princípios que Descartes escolhe para a sua moral não são novas concepções, mas se constituem em máximas obtidas a partir da observação das ações das pessoas mais sensatas. As ações dão melhor testemunho moral que as palavras, portanto, Descartes opta por "tomar nota mais daquilo que praticavam do que daquilo que diziam".[39]

A primeira máxima a seguir é a de obedecer às leis e aos costumes do país, contudo, preservando a religião, base de sua fé, na qual fora instruído desde a infância.. Não podendo mais contar com as próprias opiniões, que se

---

[38] Idem. p.41

unesp

encontram em suspeição, deve-se guiar pelas dos mais sensatos. Descartes se previne em não seguir os homens aparentemente mais virtuosos, mas aqueles que demonstrassem as virtudes em suas ações. Outra objeção levantada diz respeito aos homens que são radicais nas suas ações, aqueles que fazem votos ou contratos submetendo a sua própria liberdade de espírito. Esses homens agiram desta forma para esconder a fraqueza de seus espíritos. Descartes prefere seguir o exemplo dos homens sensatos que são sempre os moderados nas suas ações. E o testemunho de vida conta mais que aquilo que pregam.

A segunda máxima consiste em assegurar um princípio que não o torne irresoluto. É importante não se tornar um homem vulnerável ou sem ações, pois a vida solicita sempre que se saiba decidir: "imitando nisso os viajantes que vendo-se extraviados nalguma floresta, não devem errar volteando, ora para um lado, ora para outro, nem menos ainda deter-se num sítio, mas caminhar sempre o mais reto possível para num mesmo lado, e não mudá-lo por fracas razões..."[40]

O saber decidir não é igual àquele saber que se obteve a partir de várias alternativas em que se escolhe a melhor delas. Para Descartes, está mais bem situado, ainda que no início de algum caminho, aquele que se decidiu ao acaso, por um caminho e no meio de seu percurso, seguiu-se sempre a meta que no início optou.

A terceira máxima corrobora ainda mais com o subtítulo do *Discurso*, em relação a auto-educação. O seu preceito é o de vencer a si próprio no que diz respeito ao controle dos desejos. Sobre as coisas que se tem que agir ou fazer, deve-se fazer da melhor maneira, ainda assim, quando ao se voltar para o que foi feito e perceber que não saiu bem, deve-se compreender mesmo que tal coisa era impossível. Na natureza as coisas estão sempre em transformação e a perfeição não existe naquilo que é mutável. Se o melhor foi feito, aquilo que não foi possível fazer ou não saiu bem, é que não poderia ser feito, pois ultrapassa o limite das possibilidades do ser. Descartes diz que: "inclinando-se

---

[39] Idem. Ibidem.

unesp

a nossa vontade naturalmente a desejar só aquelas coisas que nosso entendimento lhe representa de alguma forma como possíveis"[41] estaremos agindo no limite das possibilidades naturais do humano. Não cabe como possibilidade humana desejar as coisas que estão fora de si mesmos, e por conseguinte, estão fora de seu alcance.

É assim que para Descartes os filósofos estóicos aprenderam fazer: desejar aquilo que lhes era possível, pois dessa forma todo o poder que se quer ter pode ser vivenciado. Essa é uma condição que é dada pela própria natureza humana, quando faz *bom uso da razão*. Se aquilo que se deseja é possível no âmbito da razão, então pode ser desejado, porque será possível a sua representação no entendimento. A realidade, desta maneira, está circunscrita no limite da racionalidade. Mas Descartes diz também: "confesso que é preciso um longo exercício e uma meditação amiúde reiterada para acostumarmos a olhar por este ângulo todas as coisas."[42]

Saber que as coisas exteriores ao ser são limitadas à representação do entendimento, é um exercício que deve ser buscado, contudo, se mesmo consciente destes limites as coisas impossíveis forem desejadas, deve-se saber que essa é uma condição dos mortais. Os deuses não fazem império sobre o reino das coisas sensíveis, mas eternas; e se for o desejo dos homens se medirem com os deuses, esse é o caminho que deveriam trilhar, como supõe Descartes, que assim fizeram os estóicos: "por mais favorecidos que sejam pela natureza e pela fortuna, jamais dispõe assim de tudo quanto querem."[43]

Por fim, se se quiser apontar uma quarta máxima, ela se constituiria no firme propósito de cultivar a própria razão, no conhecimento da verdade, segundo o método que a si mesmo prescrevera. Exercitando-se no seu método, ele julgava encontrar algumas verdades importantes e que comumente estariam sendo "ignoradas pelos outros homens".[44] Nesse seu método, similar ao processo dos filósofos estóicos, Descartes consegue estar contente, pois tinha

---

[40] Idem, p.42.
[41] Idem, p.43.
[42] Idem, p.43.
[43] Idem, ibidem.
[44] Idem, p. 44.

unesp

a certeza de adquirir tanto conhecimento quanto era possível e esses eram os verdadeiros bens que estavam ao seu alcance. Os desejos que emanam para essa vontade de conhecer o verdadeiro é representada no entendimento que a julga boa ou má. Esse julgamento ocorre para a obtenção da certeza de que por este meio se adquiri as melhores virtudes.

Descartes julgou desta forma ter o espírito fortalecido e assim pôs-se por mais nove anos em viagens, na condição de espectador dos outros homens de virtude. A sua nova experiência no mundo era para conhecer com certeza e arrancar todos os erros que ele ainda podia encontrar em tudo que lhe fora ensinado. O projeto da dúvida já está sendo executado, mas não como os céticos "que duvidam apenas por duvidar e afetam ser sempre irresolutos."[45] Descartes não faria como estes, visto que não era seu propósito a suspensão indefinida dos valores, ele pretendia encontrar um lugar seguro para cunhar todo o saber: "todo meu intuito tendia tão somente a me certificar e remover a terra movediça e a areia, para encontrar a rocha ou a argila."[46]

O que se reconhece como certo após a luta contra a diversidade?

O propósito de "se ocupar somente com a pesquisa da verdade"[47] levou Descartes a constituir um modo específico de duvidar, não escapando deste nem mesmo a sua própria existência, porque tudo que pudesse ser duvidado, assim seria processado. Essa foi a condição para a dúvida se fazer hiperbólica e foi um meio eficaz de investigação, porque conduziu o pensador à certeza da existência do *eu pensante*. Por um lado, os enganos cometidos pelos sentidos são facilmente percebidos porque eles levam a crer que a imaginação seja tal como a realidade se apresenta e por outro, os geômetras também já se equivocaram em seus raciocínios. A dúvida cartesiana não é a mesma dos

[45] Idem, ibidem.
[46] Idem, ibidem.
[47] Idem, p.46.

unesp

céticos que se tornam irresolutos; a sua dúvida foi o meio possível para evidenciar que enquanto duvidava, exercitava-se em pensamento. Constatou como resultado desse exercício a verdade evidente: "eu penso, logo existo"[48]. Nisso a sua Filosofia encontrava o princípio que procurava.

Descartes encontrou a dimensão em que o ser pensante é uma substância que não depende de lugar ou de qualquer material. Esse é o primeiro ponto de chegada de suas meditações metafísicas e pouco comuns, que precedem a fundamentação da possibilidade de uma ciência ainda menos comum para o seu tempo. Se a evidência do *cogito* é o início da sua meditação, as outras considerações decorrem também na esfera metafísica de princípios.[49] O que se está melhor prezando é que a evidência da razão se fez demonstrada por um ato muito simples de seu emprego, portanto, outras evidências também poderão ser desta maneira concebidas. Esse é o modo pelo qual a sua Filosofia vai se desenvolver. A primeira verdade conhecida é que as coisas que se concebe "mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras".

O contentamento demonstrado no *Discurso* diz respeito à possibilidade de chegar-se à verdade: "Conhecer é perfeição maior do que o duvidar" — essa é uma nova compreensão para a ação da razão. Porém, uma questão se torna objeto para verificação: se conhecer a verdade é um ato de perfeição da razão, cabe conhecer a origem ou ainda a natureza desta perfeição. Essa reflexão propõe uma nova investigação. Ela supõe a existência de um ser que além das ações perfeitas é também perfeito, cuja capacidade é a de um criador que em suas criaturas deposita as sementes da verdade, tais como os atos da razão. Aquilo que Descartes percebeu de perfeito em si mesmo, ele supõe existir em

---

[48] Idem, p.47.

[49] A teoria cartesiana fundamentou-se em princípios metafísicos, por exemplo, como se verifica no estabelecimento daquilo que é verdadeiro, conforme foi colocado nas Meditações. O exercício da dúvida tem, à primeira vista, a negação dos sentidos e se expande em forma de dúvida hiperbólica, na qual, não apenas todos os conhecimentos devem ser postos em dúvida, mas devem também estender a dúvida acerca da existência do eu. Acreditar num eu não assegura a verdade uma vez que o Gênio Maligno pode levar o eu pensante ao engano. Nesse sentido, a sistematização do erro chega à instância metafísica, posto que aquilo que se pretende é desmistificar a verdade revelada, conforme concebida pelos escolásticos e pode estabelecer um estatuto da verdade, em que demovendo a idéia de um Deus enganador, possa ser restabelecida a evidência da verdade de um Deus criador e, uma vez que sua obra estivesse acabada, enquanto criação, nela já estivessem determinadas as condutas necessárias para que mais essa semente de verdade fosse um dado da sua própria natureza, portanto da sua própria condição de criatura. (Cf. Descartes, 1983, p. 73-142; Lefebvre, p. 238-9)

unesp

totalidade no seu criador. Por uma noção de causalidade, supondo haver muito mais perfeição no criador que na criatura, ele justifica a existência de perfeição no homem. As perfeições que ele passa a encontrar no desenvolvimento do *Discurso*, não são próprios do ser, mas alguém as concedeu. Sendo assim deve existir um ser mais perfeito que o homem, porque se todas as verdades que nele encontra devessem-se a si mesmo, o homem encontraria em si a sua própria origem. Descartes constata que a sua origem se deve então a este outro ser cuja perfeição se dá na totalidade de seus atos e não apenas em alguns, como foi constatado pela razão.

O caminho para a busca da verdade vai se expandido. O cogito é um ponto de partida para a trajetória de constatações de verdades possíveis. Descartes prossegue o seu itinerário constatando na Geometria que os objetos com os quais ela trabalha são também perfeitos e não são encontrados na natureza sensível, mas podem ser concebidos pela razão e não devém de experiências, assim como a noção de perfeição e de um Deus criador também não se conhece pela experiência, mas pela evidência da razão quando desenvolve seus pensamentos.

Descartes está persuadido de que o exercício do pensamento é fundamental para se conhecer a própria alma, pois a prática havida entre os estudiosos é de não "elevarem o espírito além das coisas sensíveis e de estarem de tal modo acostumados a nada considerar senão imaginando".[50] Nisto, Descartes se distancia dos escolásticos e empiristas que julgam que se encontra no entendimento tudo o que se percebeu primeiramente pelos sentidos. Se Descartes demonstrou que as idéias de Deus e de alma são concebidas a priori, a concepção daqueles é enganosa, porque buscam pela verossimilhança as suas certezas. Também demonstra que o limite da nossa imaginação no processo do conhecimento é a representação, pois "a imaginação ou os nossos sentidos nunca poderiam assegurar-nos de qualquer coisa, se o nosso entendimento não interviesse."[51]

---

[50] Descartes, 1983. p. 49.
[51] Idem, ibidem.

unesp

O campo da certeza deve ser constituído com as idéias que se fizerem confirmadas pela evidência da razão. Se alguém refuta a demonstração da existência de Deus e da alma, contidas no *Discurso...,* comete engano porque no sistema cartesiano essas demonstrações são da ordem das razões o que não ocorre com as verdades sensíveis, que não podem ser fiadas senão no limite de uma certeza moral. As certezas sensíveis podem ser representadas e os sonhos podem reproduzir com a mesma capacidade da imaginação aquilo que se conheceu em vigília. A dificuldade para discernir acerca da realidade das coisas sensíveis e dos sonhos, fica constatada quando não se tem um método capaz de investigar e distinguir suficientemente as condições de um e de outro, para demonstrar que as coisas sensíveis sejam mais vivas que aquelas representadas nos sonhos.

unesp

Parte III

Parâmetros para o exercício da razão na racionalidade cartesiana

Condições para que haja a educação do espírito

Perceber que há diversidade entre os homens, em decorrência de seus costumes, de sua cultura, não significava para Descartes motivo para constatar diferentes tipos de razões. Ele verificou os diferentes usos que se faz da razão determinando que existam diversidades. O consenso, que é um atributo da razão, deve surgir quando o bom uso dessa se der, tornando a verdade possível de ser verificada.

As *Regras para a direção do espírito* (1989) explicitam a necessidade de se encontrar um uso correto para a *razão*, dando assim condições seguras para que as suas possibilidades tornem-se conhecidas.

Por que o homem deve educar-se ou "orientar o espírito"? A resposta de Descartes é: para emitir juízos sólidos e verdadeiros sobre tudo com que depara.[52]

Se essa é a condição para determinar uma primeira regra, há na justificativa desse critério, aparentemente preestabelecido, uma concepção de estudo que foi expressa quando o pensador recomendou o estudo particular de uma arte, porque nessa atividade deve subsistir a busca da universalidade do saber.

O *bom uso da razão*, já apresentado no *Discurso do Método* como uma condição da verdade científica, foi explicitado nas Regras... como critério de conduta intelectual que se deve adotar, quando o que se quer é conhecer verdadeiramente.

No *Discurso do Método,* o *bom uso da razão* estava vinculado à condição de um pensar verdadeiro[53]. As condições para que isso ocorra está assegurado

unesp

em uma das regras que prescreve que o objeto do qual se tem uma idéia deve ser previamente distinguido. Se isso não ocorre, resulta numa atitude diversa àquela do bom uso da razão. A crítica sobre isto é feita, porque procedimento é tido como precipitação das ações: "Os homens costumam, sempre que reconhecem alguma semelhança entre duas coisas, avaliar ambas, mesmo naquilo em que são diversas."[54] A semelhança está sendo usada como um critério para inclusão de coisas distintamente variadas. Na ciência cartesiana isso não tem lugar, porque o que se deve observar como critério para deduzir alguma verdade não pode estar associado a qualquer órgão dos sentidos, de onde a apreensão possível é notificada pelo filósofo como errônea, já que os sentidos são fontes de erros.

Decorre desse fato, ainda, um segundo passo em falso no processo do conhecimento. Na concepção cartesiana, não se emite um juízo de verdade sem que existam as condições necessárias. Se as coisas são avaliadas sem a certeza, sem um juízo de verdade, ocorre tão somente uma precipitação de juízos dispersos, em geral enganosos. Não se pode tomar por "verdadeiro" aquilo que é fruto de "aproximações entre ciências", por exemplo, quando se julga igual aquilo que está sendo percebido apenas pelas suas semelhanças. Isso quer dizer que as coisas são concebidas separadamente e aproximadas para formar juízos. Descartes percebeu por isso que cada ciência era concebida dessa mesma forma, sem que houvesse um princípio único para pensar a verdade. Pensava-se como verdade aquilo que se obteve pela observação da similitude entre os objetos.[55] Esse procedimento não dispõe de

---

[52] Descartes, R. *Regras para direção do Espírito*. Lisboa : Edições 70, 1989a. p. 11.

[53] "... pois a razão não nos dita que tudo quanto vemos ou imaginamos, assim, seja verdadeiro, mas nos dita realmente que todas as nossas idéias ou noções devem ter algum fundamento de verdade;" Descartes, 1983. p. 51.

[54] Descartes, 1989. p.11

[55] Para Aristóteles a procedência de uma noção é a natureza sensível. Quando se verificam elementos semelhantes na experiência de diversos singulares, esses passam a ser concebidos como indícios para a formulação do juízo universal. Os elementos dados originalmente do sensível passam a ser compreendidos no plano das idéias. A idéia participa do plano da verdade, do universal, do mundo incriado, eterno. É nessa instância que se concebe a alma. Alma e corpo são planos distintos. Por isso, ao se pensar a concepção de ciência, vigente na época dos antigos, a partir do que escreveu Aristóteles, ver-se-á que: "Não é o Homem, com efeito, a quem o médico cura, se não por acidente, mas Cálias ou Sócrates, ou qualquer um outro assim designado, ao qual aconteceu também de ser homem." (Aristóteles, 1984a. p. 11) O *Homem* concebido como essência não é o homem a quem o médico se refere para curar. O primeiro está sendo tratado na universalidade da essência, e o homem a que o

unesp

fundamentos sólidos para discernir a verdade, pois nas ciências as coisas são distintas apenas "pela diversidade de seus objetos". Aquilo que aproxima as ciências, além do método, é que juntas formam a *sabedoria humana*. [56]

Esse raciocínio é o caminho necessário para se acreditar na possibilidade daquilo que Descartes chamou de Ciência Universal. Saber que existe um princípio entrelaçando o conhecimento dos objetos e que o mesmo torna possível superar o problema da diversidade, significa dizer que esse é o indício necessário para encontrar a verdade que está além da particularidade das coisas a serem conhecidas. O cuidado de Descartes não recai, contudo, somente sobre o problema da ciência. O conhecimento depende de um método, tanto para explicitar a ciência programada, que segue a orientação da luz natural da razão, como para demonstrar a verdade observada, segundo as condições subjacentes ao *bom uso da razão*. Faz *bom uso da razão* quem é

---

médico se refere é o singular. Para Aristóteles a eficácia do remédio quando cura o homem, se dá por um acidente, e não por necessidade causal. Porque não há relação de causa entre o *Homem* da essência e o homem individual. As semelhanças obtidas nas experiências e que foram universalizadas, não constituem razão suficiente para promover efeito no singular. As realidades nas quais se inserem *Homem* e homem são diferentes. Cálias, quando doente, é um homem singular, sensível. O remédio que lhe é oferecido, a partir da identificação por semelhanças a outros casos, é condição apenas para que se aguarde um resultado satisfatório por acidente. A ciência, por essa condição, de ter que se relacionar com a contingência, não possui princípios seguros, autônomos. A universalização que parte da generalização é possível, mas quando se trata das ciências, aquilo que é noção universalizada não tem autoridade para exercer seu efeito sobre o singular. O individual é sempre um mistério, e não pode ser conhecido verdadeiramente, como pode ser conhecida uma idéia, que não é mutável, que não está em transformação.

Para aguardar um resultado eficiente, que parte de uma idéia surgida da generalização de experiências singulares, pode processar-se logicamente se a referência for a do *Homem* essencial.

A ciência que aqui está concebida por Aristóteles não funda princípios metódicos, mas conceitos. Portanto, as considerações acerca das ciências não buscam métodos, mas tão somente uma conduta para uma regra prática, condição suficiente para universalizar o conceito.

O que se entende por ciência em Aristóteles, resulta de generalizações de noções que para ele deram origem aos juízos universais, obtidos das experiências, portanto não compreende relação lógica, mas uma reação própria dos movimentos dos seres no seu espaço original. Neste espaço da natureza a interferência do homem ocorre em harmonia com o movimento dos outros seres.

A teoria do conhecimento nos antigos contém aspectos peculiares dos fazeres na sociedade. A concepção de arte (téchne) deve ser classificada, distinguindo-se as artes e os conhecimentos empíricos, e também uma consideração acerca das causas primeiras e dos princípios, mas isso, em nenhum momento desqualifica os sentidos como fonte do saber. A ação de conhecer é tão natural ao homem, que, conforme citou-se acima, Aristóteles julgava que o ato de aprender supõe *o prazer das sensações*, e este pressuposto evidencia a aceitação de que a faculdade do conhecimento é natural.

[56] Para Descartes há uma diferença na maneira de conceber o conhecimento que se tem das coisas. Ele aprendeu com os geômetras a conceber uma linha sem largura, pontos sem espessuras, superfícies planas sem profundidades. Isso serviu-lhe bem para entender um caminho para superar a comparação entre coisas físicas, que o levariam ao erro. Tão logo ele concebe algo que seja extenso, ele as representa intelectualmente. Assim ele estabelece nitidez ao objeto concebido, em parâmetros semelhantes, mas na sua essência. Desta maneira é possível aplicar a ordem da razão, que prescreve reduzir todas as coisas às proporções ou às relações com unidades de medidas matemáticas.

cm 1 2 3 4 5 6 7 unesp 12 13 14 15 16 17 18

capaz de seguir passo a passo as regras, até atingir o conhecimento verdadeiro e assim demonstrar as possibilidades contidas na sabedoria humana. Seguir as regras é condição suficiente para a orientação do espírito.

Descartes constata, favoravelmente ao seu método, na sua investigação sobre o espírito humano, que a sabedoria humana permanece una e idêntica, ainda que o espírito se aplique a diversos objetos tal como a luz do sol, que não é distinta sobre a variedade de objetos a que ilumina.[57] Com essa afirmação ele expõe uma garantia da universalidade da razão, porque não conhece limites, mas faz uma advertência, porque a premissa de que a razão não é distinta para cada ser humano não permite, por outro lado, que qualquer um queira importar para o conhecimento uma orientação diferente dessa, da universalidade. Descartes concebe que todas as ciências juntas compõem a sabedoria humana. A diversidade não subsiste naquilo que é uno, e o saber humano dispõe de um elo de unidade, que se constitui na prática da ciência.

É apontada como fonte de erro na explicitação da primeira regra, um tipo de interesse que Descartes não pode se calar em favor da verdade: "...nada nos afasta tanto do reto caminho da procura da verdade como orientar os nossos estudos, não para este fim geral, mas para alguns fins particulares."[58] Um fim particular pode ser, por exemplo, a vã glória, ou outro, o lucro vergonhoso. Esses fins que se aproximam dos problemas da moral, estreitam as possibilidade da razão em encontrar uma verdade que está além da mera aparência, assim os interesses de uma ciência ficam perdidos, principalmente quando esse se constitui numa sabedoria humana, porque perde seu objetivo mais geral, que é universal, para atender ao interesse individual. Só se pode aumentar a luz natural da razão se for exercido o preceito da regra primeira: "A finalidade dos estudos deve ser a orientação do espírito para emitir juízos sólidos e verdadeiros sobre tudo que se lhe depara."[59]

O estudo específico de uma única ciência é uma situação que deve ser pensada em relação àquilo que é concebido como sabedoria humana. Para

---

[57] Descartes, 1989a. p. 12.
[58] Idem, ibidem.
[59] Idem, p. 11.

unesp

Descartes, o estudo especializado em uma única arte não é sinal de que por esse feito possa-se obter, como resultado, verdade maior do que aquele que se aplica ao estudo de qualquer outra ciência. Para o filósofo, a prática de uma única ciência não é em si a condição de erro e tampouco tal atividade seja suficiente desviar alguém da descoberta de outra verdade. O elo que as une se mantém, quando o espírito segue os preceitos de verdade, que estão implícitos no rigor das regras delineadas para a direção do espírito.

Não são apenas os interesses vãos que perturbam os estudos, um interesse ainda que legítimo, mas voltado para uma única arte faz com que se omitam muitos meios necessários para o conhecimento de outras coisas, "porque se afigurarão, à primeira vista, ou pouco úteis ou pouco dignos de interesse."[60] Descartes é a favor de que aquele que se aplica ao estudo deve aprender todas as ciências ao mesmo tempo sem separá-las umas das outras. Aquele que pretender se educar, deve preocupar-se em aumentar a luz natural da razão.[61] Fazendo o estudo de todas as ciências o intelecto fará a sua seleção natural daquilo que deve escolher. Essa é a garantia de que se fará progresso no estudo.

A educação que se vale dos objetos puros para chegar à verdade

Os estudos têm como finalidade aumentar a luz natural da razão, e assim deve-se saber que as coisas que não se pode conhecer perfeitamente não devem ser buscadas. Há um preceito que ressalva isso: "importa lidar com aqueles objetos para cujo conhecimento certo e indubitável os nossos espíritos parecem ser suficientes."[62] Essa regra não delimita o que se deve conhecer, mas também não abre precedente para que se duvide de tudo. Cabe ao espírito atento perceber que não faz grandes avanços no estudo aquele que duvida de tudo. Não são poucos os conhecimentos aos quais se podem dirigir o espírito,

---

[60] Idem, p. 13.
[61] Idem, ibidem.
[62] Idem. p. 14.

unesp

ainda que haja aqueles que dizem o contrário sobre esse assunto. Por isso Descartes vê como problemática a atitude de sábios que têm taxado vários conhecimentos. As críticas que esses fizeram sobre os saberes passaram por investigações feitas apenas por critérios prováveis, o que não permitiu a eles obterem a certeza metódica. Tornou-se costume dos homens letrados, segundo Descartes, "adornar as suas falsas razões" quando ignoravam alguma coisa, com argumentos que passaram a persuadir a si mesmos e acabavam por acatar essas falsas razões como verdadeiras.[63] Isso é uma exemplificação de uma conduta metódica. Ela foi usada para julgar e atribuir o critério de verdade. Descartes refuta essa atitude, qualificando esse critério de verdade como vão, porque esse procedimento vai dissuadindo o espírito de seu reto caminho.[64]

Para Descartes o juízo de verdade sobre uma ciência está circunscrito nesse propósito: não é possível que sobre a mesma coisa haja juízos contrários e verdadeiros. Um deles é o verdadeiro, mas adverte que se ambos foram apresentados como verdadeiros é possível que nem mesmo seja qualquer um deles científico, porque quando um juízo é verdadeiro ele tem razões suficientes para "convencer" o "entendimento".

Por esse motivo apresentado é possível a existência de poucas ciências, e o filósofo está disposto a apreciar como tal apenas a Aritmética e a Geometria. A filosofia é excluída por causa das controvérsias dos eruditos que

---

[63] Idem. p. 15.

[64] Tanto no "Discurso do Método" quanto nas "Regras para a direção do espírito" Descartes nega a prática de demonstração dos sábios, os seus modos de fazerem ciência, porque julgaram indigno de um homem letrado confessar que ignorava alguma coisa, e por isso habituaram-se de tal modo a adornar as suas falsas razões que, acabaram por se persuadirem e as tomarem como verdadeiras.

Descartes rompe com as doutrinas medievais em diversos pontos, assim como outros aspectos da cultura, como a moral. Mas quando ele questiona o critério de verdade que é obtido por similitude, entre as coisas, ele aponta uma nova prática para a metodologia da ciência. E se ela pode ser ensinada, na concepção de hoje, se trata de uma pedagogia. O deslocamento da busca da verdade do objeto dos sentidos para o objeto da razão, ainda que se constitui numa ação racional, é antes de tudo uma mudança de objeto e se há um novo objeto há uma nova forma do fazer científico. A verdade, segundo o método cartesiano, não observa mais o critério da semelhança, mas está além dos sentidos, como era o critério para o conceito de identidade do objeto. A universalidade que é inaugurada está fundamentada em conceitos que são concebidos dos objetos puros da razão, que não estão sujeitos ao erro, porque são apreendidos pela luz natural da razão.

A busca particular de Descartes, diante dos enganos que encontrou nos estudos que fizera no seu tempo de colégio, implica num exercício intelectual, e os procedimentos descritos para a ação da razão são condutas que podem ser aprendidas, por isso são transcritas, por ele, em forma de regras. A busca particular para chegar ao universal é uma conduta distinta da razão, que qualquer um pode aprender desde que siga os preceitos do método cartesiano, isso foi recomendado àquele que quiser ter

unesp

se envolvem em metodologias duvidosas, primeiro porque optam por se ocupar de "coisas árduas" e depois porque "elaboram engenhosamente conjecturas por certo muito subtis e razões deveras prováreis.[65]

O erro está sendo proporcionado porque "aquilo que é fácil" está sendo desprezado pelos eruditos "e esse processo acaba por eles mesmos advertirem que: não fizeram mais do que aumentar o número de dúvidas sem terem aprendido uma ciência."[66]

O desejo de poder desenvolver os raciocínios claros e distintos não são possíveis quando os saberes não estão isentos dos defeitos e das falsidades. Os saberes que podem contemplar esse desejo são a Geometria e a Aritmética, que para Descartes operam com os objetos puros e simples da Razão.

A pretensão de Descartes é a de desenvolver um método com a capacidade de educar o espírito, de uma maneira que quando se fizer uso do mesmo, em atividade de aprendizagem, possa-se chegar com clareza ao seu objetivo, e isso significa, sem o erro dos sentidos. Contudo as operações intelectuais desenvolvidas pelo seu método toma em consideração duas formas de conhecimento: a experiência e a dedução. [67]

Se existem essas duas vias para se chegar ao conhecimento, de onde vem o erro, se acaso ele ainda persistir? O erro pode decorrer ainda da experiência; essas são muitas vezes temerosas, porque são produzidas levando em consideração os sentidos, mas a dedução, que para Descartes se traduz como "ilação pura de uma coisa a partir de outra" não possibilita o falseamento das percepções.[68] O erro, então, não procede da inferência, mas de juízos emitidos de modo temerário (precipitados) e sem o fundamento devido ou, então, das experiências pouco compreensíveis. [69]

---

conhecimento das Meditações. Pede o filósofo que prossiga-se na leitura deste texto com o espírito meditativo - são as suas considerações iniciais.

[65] Descartes, op.cit. p. 16

[66] Idem, ibidem.

[67] Idem, p. 11.

[68] Idem, p. 16.

[69] Idem, p. 17.

unesp

A Geometria e a Aritmética estão num lugar privilegiados na doutrina cartesiana porque "lidam com um objeto tão puro e simples que não têm de fazer suposição alguma que a experiência torne incerta..." [70]

O método cartesiano define um objeto para a ciência que não vai perpassar os sentidos, não incorrendo, por isso, no erro, "excepto por inadvertência, parece difícil nela um homem enganar-se."[71]

A inadvertência alegada remete à condição de que pouco conhecido é o rigor e o método cartesiano e a contribuição que este pode contribuir para a verdade. Nisso se confirma que a conduta do espírito de muitos ainda não se aplicam a essa prática tão proveitosa para chegar a verdade. Descartes observa que esse vagar sem rigor decorre da opção pelo estudo da filosofia. Aqueles que assim agem se prendem em estudar matérias obscuras.

Há uma valorização, a partir de então, dos elementos claros e distintos - os objetos da Geometria e Aritmética - porque são suscetíveis de demonstração e o procedimento de estudo com essas ciências resguardam o privilégio de poderem ser deduzidos os resultados verdadeiramente.

O bom uso da razão deve valer-se de ações puramente racionais

No *Discurso...,* lê-se a afirmação de que o conhecimento proveniente do estudo dos livros antigos muito comprometem o *bom uso da razão*. Nas *Regras...,* essa questão já havia sido pensada como uma situação que predispõe o espírito a cair no ardil das reflexões preparadas pelos próprios escritores. Esses, quando desconhecem a verdade, porque estão imersos na controvérsia, esforçam-se por convencer os leitores segundo argumentos sutis. Essa é a metodologia criticada por Descartes.

As razões que o fazem crer nisso acompanham a sua doutrina e ele as apresenta decompondo os argumentos dos antigos. Esses pensadores não resolveram o problema da diversidade "porque dificilmente um afirma algo cujo

[70] Idem, ibidem.

contrário não seja proposto por outro, nunca sabemos em qual deles acreditar."[72]

Descartes constata a dificuldade de se conviver com a diversidade no mundo em que os povos se organizam segundo os seus costumes. A ciência que promovem está comprometida com o erro, porque a forma como ela se desenvolve vale-se de um objeto ainda inserido no contexto dos enganos: "(...) os que fazem profissão de filósofos são, em geral, menos sábios e menos razoáveis do que os demais que jamais se dedicaram a esse estudo, eu explicaria neste ponto, de modo sumário, em que consiste a ciência que atualmente, temos, e quais os graus de sabedoria a que se atingiu. O primeiro grau contém noções tão evidentes em si mesmas que podem ser apreendidas sem reflexão. O segundo grau contém tudo quanto a experiência dos sentidos nos faculta conhecer. O terceiro, aquilo que a palestra dos demais homens nos ensina. A este pode-se acrescentar de imediato, constituindo o quarto grau, a leitura, não a de todos os livros, porém, em particular, a dos escritos por pessoas que podem nos fornecer boas instruções, visto que se trata também de uma espécie de palestra que mantemos com os seus autores."[73] Com isso Descartes quer desautorizar a ciência herdada dos antigos porque, segundo ele: "aqueles que vieram depois, mais depressa seguiram as suas opiniões do que investigaram algo de melhor."[74] Ele quer abolir esse tipo de estudo apregoado no conhecimento dos antigos e protagonizar uma ciência que esteja além de um objeto imediato. A possibilidade dessa ciência está além do ensino da Matemática, porque não basta que se saiba como demonstrar uma sabedoria. Não é isso que torna uma sábio em um conhecedor da verdade. Nisto Descartes reclama a necessidade do *bom uso da razão*, que é operar com clareza, com evidência. Esta ação deve prescindir da percepção, pois ele diz que: "são os atos do entendimento que nos permitem chegar ao conhecimento das coisas ..." Conhecer a verdade não é apenas demonstrá-la, mas fazer o uso correto da razão, que implica em reconhecer que a mente opera através de

---

[71] Idem, ibidem.
[72] Idem, p.19.
[73] DESCARTES, R. Princípios da filosofia. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo : Hemus, 1968. p. 30-1.

unesp

duas ações do entendimento: "a intuição e a dedução."[75] Os atos do entendimento são os pilares de uma investigação exata. Esta constatação é feita no texto das *Regras.*

Compreender os atos do entendimento possibilitou a Descartes chegar nas *Meditações* promovendo a dúvida metafísica. Porque ele estabeleceu que para se conhecer a física é preciso primeiro chegar à Metafísica, "sobre a qual convém que seja firmada toda a Física"[76] de onde se concebe os princípios verdadeiros de toda ciência. Conhecendo previamente as operações lógicas da razão, a dúvida que Descartes expande, recai sobre tudo o que se pode ter "o menor motivo de dúvida", e por isso é suficiente encontrar qualquer indício de dúvida para rejeitar todas as assertivas como falsas.[77]

A dúvida apresentada nas *Regras...* ainda não está circunscrita de forma tão ampla como no *Discurso...* ou nas *Meditações...*, em que a dúvida é hiperbólica. Nas *Regras...* a dúvida está circunscrita no âmbito do conhecimento sensível. A advertência é que o conhecimento sensível, os que foram ensinados ou aprendidos pelos sentidos não contêm o rigor metodológico que uma regra estabelece. As regras portam garantias para que todas as coisas a serem conhecidas sejam feitas de forma clara e distinta. Mas as cadeias das verdades, que são deduzidas do entendimento ainda estão carentes da garantia metafísica que o pensador deve ainda estabelecer.

Nas *Meditações...* a questão do erro é levada às últimas conseqüências, na sua forma mais abrangente em que não resta qualquer porto seguro, aparentemente, para estabelecer a verdade. Para resgatar esta possibilidade Descartes afirma ser preciso primeiro encontrar a pedra angular que resgatará uma primeira verdade para daí ser possível encontrar outras, que serão necessariamente encadeadas daquela primeira. Essa é a primeira condição para que a verdade subsista. É imprescindível saber que as *Regras...* explicitam que quando são observadas e determinadas as ações do entendimento, têm-se,

---

[74] Idem. p.32
[75] Descartes, 1989a. p. 20.
[76] Descartes, 1968. p.45.
[77] DESCARTES, R. Meditações, Introdução de G-G. Granger; prefácio e notas de G. Lebrun; Trad. J. Guinsburg e B. Prado Júnior. 3. ed. São Paulo : Abril Cultural, 1983. p. 86 (Os Pensadores)

unesp

por conseguinte, a garantia da forma de operar com a razão e por isso não se comete equívocos. Se nas *Meditações...* o problema em relação à verdade era metafísico, nas regras a questão é da ordem prática. As operações do entendimento constituem-se em uma explicitação de uma compreensão metodológica da Razão, que se estende em um movimento ascendente de desenvolvimento das operações lógicas, porque elas se encaminham desde operações mais simples até as mais complexas.

Delinear as operações do entendimento é um momento na doutrina cartesiana em que se estabelece uma nova forma de conhecimento lógico. Essa concepção de teoria determina uma forma de conhecer distinta da dos antigos e tomistas[78], inclusive porque a sua teoria rebate a persistência da diversidade ligada à forma de conhecer por similitude. A intuição consiste na capacidade de

---

[78] O pensamento antigo não obteve divergência extremada no período medieval. Santo Tomás de Aquino não impetrou nova teoria do conhecimento, mas ocupou-se em adaptar a noção de alma e mundo incriado, contidos na teoria aristotélica. Refutou a noção de universo que perpassava a filosofia de Aristóteles, porque implicava em conceber uma alma como forma do corpo organizado e um mundo eterno e de Deus como o primeiro motor e causa final de todas as coisas. Isso impossibilitava a compreensão de um Deus criador e providente. São Tomás de Aquino procedeu à elaboração de uma teoria, na qual existência e essência estivessem separadas, para poder pensar uma origem do mundo e assim estipular uma hierarquia das essências e da existência de todas as coisas.(Santo Tomás de Aquino, 1985, p. viii) Esta teoria concebeu a verdade circunstanciada à existência de um Ser que determina a verdade primeira e de todas as coisas: "Predicada de Deus no sentido próprio, a verdade designa a concordância da inteligência divina com a coisa. Como, porém, a inteligência divina conhece primeiro a sua essência, sendo através dele que conhece todo o restante, depreende-se que a verdade, em Deus, significa primariamente a conformidade da sua inteligência (conhecimento) com a sua própria essência, e só derivadamente a conformidade da sua inteligência com a coisa criada."(Santo Tomás de Aquino, 1985, p. 44)
Santo Tomás de Aquino definiu um modelo de conhecimento, que para ser concebido, exige um envolvimento mais complexo do corpo e alma, inclusive evitando uma noção de inatismo, mas sem explicar, suficientemente, como o conhecimento pode ser uma possibilidade humana, se a verdade está subjugada a um ser superior. A união do corpo e alma são necessários para se complementarem em um único ser e não devem ser concebidos em separado, contudo não resolve o problema do saber: "Sem dúvida é a alma e não o corpo que é o princípio de todas as operações da vida. A alma é aquele pelo qual nós nos movemos e nos nutrimos, aquele pelo qual também nós sentimos e conhecemos. Mas se o princípio primeiro pelo qual nós conhecemos é a alma, não é menos verdade que a alma é a forma do corpo, que ela não é propriamente alma senão na medida em que ela constitui com o corpo uma unidade substancial; daí segue-se que o ato de conhecer não pertence à alma, mas ao homem." [Sans doute c'est l'âme et non le corps qui est le principe de toutes les operations de la vie. L'âme est ce par quoi nous nos mouvons et nourrisons, ce par quoi aussi nous sentons et connissons. Mais se le principe premier par lequel nous connaissons est l'âme, il n'en est pas moins vrai que l'âme est la forme du corps, qu'elle n'est proprement âme que dans la mesure où elle constitue avec le corps une unité substantielle; d'où il suit que l'acte de connaître n 'appartient pas à l'âme, mais à l'homme. (Gilson, 1951, p.10-11)]
A razão está constituída nessa mistura de corpo e alma, mas a autonomia do homem não está deliberada nem enquanto verdade, tampouco numa certeza. Delimitar a verdade nos termos de Santo Tomás de Aquino cria o problema de se tomar por verdade o que está definido no limite do que se obtém como a "conformidade-concordância-igualdade entre a inteligência cognoscente e a essência de Deus", concepção que não permite ao sujeito autoridade sobre aquilo que distingue. (Santo Tomás de Aquino, 1985, p. 45) A educação é uma necessidade exterior ao indivíduo, que se educa para contemplar a verdade, que é determinada pela autoridade da Igreja e não por uma condição da união propalada entre corpo e alma.

unesp

se perceber um objeto de maneira distinta e também de uma forma de se proceder ao raciocínio de maneira encadeada, segundo princípios.

Conhecer qualquer objeto deve prescrever um procedimento segundo as possibilidades da intuição, que por definição apreende a coisa com clareza e distinção, portanto segundo critérios racionais e não sensíveis, que quer dizer que o objeto é conhecido na sua totalidade. Se assim for o procedimento, pela evidência da razão, torna-se possível a representação do objeto sem ter que servir-se dos sentidos, portanto isento da possibilidade iminente do erro, a não ser que se quebre a cadeia das razões. As ações do entendimento ocorrem segundo procedimentos lógicos da evidência atual da razão e pela memória, e desta forma obtém a certeza.[79]

O procedimento intelectual nesse contexto não compreende comparações entre objetos similares, reconhecidos pela ordem dos sentidos que jamais apreende a totalidade. O estatuto da certeza firmado nas Regras é uma característica particular da razão que compreende as suas próprias condições e proporciona as operações corretas. Descartes constitui a ordem das ações do entendimento e estipula a mesma como a condição para a obtenção da certeza. São esses os princípios necessários para subsidiar a nova teoria do conhecimento científico, portanto, da ciência, com distinção uma da outra, visto que pela intuição intelectual se reconhece o movimento ou a sucessão, bem como os primeiros princípios e pela dedução se resgata a memória para denotar a certeza, assim como para processar as conclusões.[80]

Distinção dos objetos com os quais a razão deve ser educada (exercitada)

As normas que se encontram nas *"Regras para direção do espírito"* são, ao mesmo tempo, a explicitação do caminho do conhecimento científico - modelo privilegiado da certeza, portanto, demonstração de verdade - bem

[79] Descartes, 1989a. p. 21.
[80] Idem, p.21

unesp

como, um indício seguro da metodologia do agir correto, que implica numa orientação natural do espírito investigativo.

Descartes diz que: "O método é necessário para a procura da verdade."[81] Este é o princípio de uma Regra que o pensador usou para advertir aquele que envereda o seu espírito por caminhos desconhecidos, sem qualquer esperança razoável, mas apenas arriscando-se a encontrar o que procura. Essa procura não tem o devido rigor que um método requer, tampouco pode-se aplicar os preceitos que foram ditos necessários. Na prática desse erro o filósofo inclui os quimistas, a maioria dos geômetras e um grande número de filósofos[82]. As conquistas que esses estudiosos fazem não decorrem das suas determinações científicas, mas porque são afortunados, diz o filósofo.

A apologia do método, apresentada nas *Regras...*, quer estabelecer uma unidade na forma de investigação da Ciência, do saber universal. Se o método é a condição pela qual se alcança a luz natural da razão, a hipótese em contrário, a de que o uso não seja sistematizado, tem como conseqüência o obscurecimento da luz natural e a desordem.

A ordem, nesse contexto, diz respeito a um processo de desenvolvimento da Razão e é imprescindível, porque aquele que se aplica ao estudo sem o reconhecimento do processo implícito nesse ato da educação do próprio espírito, não contribui para ampliar a luz natural da razão, portanto pratica a diversidade como ciência. Agir dessa forma resulta no enfraquecimento da "acuidade do olhar" que significa o despreparo para conhecer a verdade[83]. Por isso, é mais importante observar uma prática metódica para obter maiores conquistas do que vaguear sem a orientação do espírito. Ademais, o método é a prática de "regras certas e fáceis que permitem a quem exatamente as observar nunca tomar por verdadeiro algo de falso e, sem desperdiçar inutilmente nenhum esforço da mente, mas aumentando sempre e gradualmente

---

[81] Idem. p. 23.
[82] Idem, ibidem.
[83] Idem, p. 24.

unesp

o saber, atingir o conhecimento verdadeiro de tudo o que será capaz de saber."[84]

Além dessa, ainda se encontra no pensamento cartesiano uma preocupação ocorrente nas *Regras...*, ela pode ser compreendida como uma admoestação ou mesmo como um preceito para as *Regras*: "não tomar absolutamente nada de falso por verdadeiro, e chegar ao conhecimento de tudo."[85] Aquilo que é falso passa a ser entendido como tudo aquilo que se possa ter dúvida.

Por que apresentar essa preocupação?

Tudo pode ser conhecido pela luz natural da razão, se o seu uso for correto, ou seja, também natural. Se há algo que não pode ser conhecido, isso ocorre porque há um mal uso da razão, portanto não se está utilizando o método. Essa situação põe em confronto a hipótese de se encontrar verdades diferentes sobre uma mesma coisa, porque não há como não se chegar ao conhecimento de algo que possa ser conhecido, mas somente apresentando uma verdade.

A metodologia que Descartes pressupõe sobre o uso da razão é que todas as coisas têm um elemento simples e para chegar-se a esse elemento que deve ser conhecido, é necessário percorrer elos de uma cadeia de razões. A cada passo que se dá um novo elo vai se apresentado numa escala ascendente de dificuldades; não há como ocultar a cadeia de elos quando o uso do método for o correto. Qualquer verdade sobre qualquer coisa poderá ser conhecida sob essa condição. Fala-se, portanto, de um método que implica num modo de agir, de buscar.

Os atos da razão que confirmam essa prática simples da razão são a dedução e a intuição intelectual. Estas operações não são ensinadas, porque "são as mais simples e primeiras de todas, de tal maneira que, se o nosso entendimento as não pudesse usar antes, não compreenderia nenhum dos preceitos do próprio método, por mais fáceis que fossem."[86]

---

[84] Idem, Ibidem.
[85] Idem, Ibidem.
[86] Idem, Ibidem.

unesp

Neste texto vê-se que as operações da razão para Descartes são inatas, mas os preceitos do método podem e devem ser ensinados, ainda que subentenda-se que possam, por vezes, ser difíceis.

À conduta da razão perpassa uma metodologia sagaz do pensador. Para que o Método possa ser apreendido não se pode ter uma mente perturbada por outras teorias, por exemplo, as concepções e os procedimentos dos estudos dos antigos.

Descartes inaugura uma nova forma de imperativo, que não está além do sujeito, mas que é uma condição da própria razão ao servir-se do método. O imperativo tradicional da verdade que até então era outorgado por uma instituição, por exemplo, a Igreja, deixa ter sentido científico. O mesmo ocorre com o aprendizado de um sujeito, quando se quer falar do papel dos educadores dizendo:

— preste atenção nisso;

— faça desse modo.

A autonomia deve ser preservada porque a razão tem os seus princípios próprios e os indivíduos devem educar-se para atendê-los no uso natural da razão.

Quando o objeto do estudo é um objeto intelectual, o espírito não pode pôr-se em devaneios. Cabem críticas aos Matemáticos antigos, que talvez tivessem obtido um uso distinto da razão. Fizeram esses descobertas de novos objetos com o uso de uma Matemática diferente da "Matemática vulgar"[87], que era a usada no tempo de Descartes. A confecção de instrumentos novos foi motivo de alegria e sacrifícios. Para Descartes isso é demonstração de quão incultos[88] eram os antigos matemáticos e assim também eram os historiadores

---

[87] A distinção que Descartes faz na matemática insiste em distinguir *as Matemáticas* que incluem o estudo das ciências da Astronomia, da Música, da Óptica, da Mecânica e diz ele "muitas outras" e *a Matemática* que inclui a Aritmética e a Geometria. (Regras... p. 28.) A Matemática vulgar, que é a chamada por ele de *Matemáticas de seu tempo* não é desprezada para o estudo porque nela estão os rudimentos da razão humana, de que se serviram os antigos (*Regras...,* p.26) apesar de ter sido tão mal utilizada, dela ainda surgiram frutos. Para que estudiosos desejem servir-se dessa Matemática, Descartes vale-se de um argumento persuasivo: "... interroguei-me sobre a razão que outrora levou os criadores da Filosofia a não quererem admitir no estudo da sabedoria ninguém que fosse ignorante em Matemática, como se de todas, esta disciplina lhe parecesse a mais fácil e necessária para ensinar e preparar os espíritos para outras ciências mais importantes. Descartes, 1989a. p. 27.

[88] Idem, p.27.

unesp

que os tornaram celebridades. A crítica de Descartes está preocupada com "as primeiras sementes de verdades, depositadas pela natureza nos espíritos humanos e por nós abafadas, devido à leitura ou à audição quotidianas de tantos erros..."[89] Os antigos não tinham o conhecimento do princípio natural da razão, por isso fizeram uso indevido dos mesmos, promovendo o obscurecimento e cegueira dos espíritos. A prerrogativa correta, de acordo com o Método, seria a de dirigir o espírito para lidar apenas com uma única apreensão. Não se deve buscar obter percepções fora da razão.

Restringir o objeto não significa tomar apenas um, mas além disso, significa eleger um objeto interno da razão que não se transfigura em outro objeto a qualquer momento; é a condição para dirigir o espírito para a certeza. Não é necessário que a mente cogite sempre a existência do objeto, mas a sua existência é um dado permanente da razão, ou seja, é um elemento apreendido pela luz natural, eterno e imutável, como são os objetos da matemática.

Essa é uma garantia que se tem quando há a necessidade de se reconhecer que o mundo das sensações é o mundo do erro, e porque Descartes pretende suprimir a diversidade. Essa condição está reproduzida nas *Meditações,* quando o pensador diz que uma pedra angular deve ser encontrada para, a partir daí, estabelecer uma ordem que obedeça as cadeias das razões e assim concebê-las sucessivamente.

Se o Método é uma conquista de Descartes, à forma de empregá-lo subjaz um aprendizado. Ele afirma: "Uma vez que a utilidade deste método é tão grande que o cultivo das letras parece, sem ele, destinado a ser mais prejudicial do que útil, facilmente me convenço de que os espíritos superiores, mesmo só sob a conduta da natureza, já antes o divisavam de alguma maneira.[90] Na concepção do pensador, os antigos não prezavam o método porque o desconheciam e não tinham a consciência dos malefícios de outros estudos que desviavam a razão de produzir os seus frutos naturais.

Descartes começa a trabalhar com essa hipótese porque acredita que as primeiras sementes do pensamento jamais seriam destruídas pelos enganos a

---

[89] Idem, ibidem.

unesp

que os estudos tem submetido àqueles que freqüentam as escolas. Ele diz que essas sementes foram colocadas em nós por Deus e são apropriadas para produzir tanto mais verdade quanto maior for o *estudo da Aritmética e da Geometria*.

Se neste nosso tempo há ainda alguma crença de que o saber mais exato é a Matemática, com Descartes isso não era questão de crença, mas sim de demonstração possível pelo seu Método. O ensino dessa ciência tem como retorno a garantia certa da contemplação da verdade, que se torna tanto mais eficiente quanto mais correto for o emprego do método, mas se toda produção metódica requer uma aprendizado também rigoroso, aquele que busca obter sempre a certeza, como fazia Descartes, quando narra o seu caminho de descoberta (o Método) está descrevendo a uma metodologia[91], que sem a mesma não poderia ter chegado às verdades que conquistou no final das suas descobertas. Ainda que Descartes tenha por objetivo fazer com que o uso da razão seja o mais eficaz, ele se antecipa nesse resultado quando discrimina que o *bom uso da razão* subentende o envolvimento, por princípio, do estudioso num contexto seguro para a atua com a razão. Por isso poder-se-ia dizer que o procedimento metódico cartesiano é analítico, no sentido que o *bom uso da razão* inclui uma prática do bem estar, que ele chama de "perfeita maturidade"[92]. As Regras... cumprem esse objetivo, tanto assim que ele afirma: "Não daria muita importância a estas regras, se só servissem para resolver os vãos problemas com que costumam entreter-se os calculadores ou os geômetras nos seus passatempos."[93]

A especificação cartesiana de que a apreensão dos objetos da matemática, são os objetos puros da intuição intelectual, não garante que o aprendizado, aquele mais puro e rigoroso chegue à mente tão logo a ele se aplique e assim opere. Descartes trilhou longo caminho e desafio como se lê:

---

[90] Idem. p. 24.
[91] "A metodologia é importante porque facilita impor limites para conduzir a vontade. Já que a mentira e o erro são frutos da vontade, quando se sabe que uso fazer da razão melhor e eficaz será o controle sobre aquilo que surge sem controle. CHAUÍ, M. A idéia de parte da natureza em Espinosa. Discurso: Revista do Departamento de Filosofia da USP, São Paulo, n. 24, p. 57-127, 1994p. 102.
[92] Descartes, 1989a. p. 25
[93] Idem, Ibidem.

unesp

"Quando primeiramente me apliquei às disciplinas matemáticas li logo integralmente a maior parte das coisas que habitualmente os seus promotores ensinam e cultivei de preferência a Aritmética e a Geometria..."[94] Além da aplicação do espírito há que se observar que o critério do rigor implica em modos de operar.

Se a intuição intelectual é a maneira correta da apreensão dos objetos, deve-se saber que ela está vinculada a uma ordem que deve ser observada para garantir a maneira correta.

A ordem como uma prerrogativa metodológica

A ordem para conhecer as coisas é expressa como uma condição necessária do conhecimento. Ela é um procedimento de apreensão atenta da mente a partir das coisa mais simples para as coisas mais complexas. Esse procedimento garante, quando observado, apreensão da primeira verdade, que é simples, e consecutivamente vai-se procedendo a deduções de outras verdades subseqüentes. Para Descartes isso não é apenas uma prescrição de uma regra que, se por acaso, não houver o desejo pode-se desprezá-la. Não há como se efetivar o conhecimento científico se não for dessa maneira. Essa não é uma regra que se possa desprezar, porque ela compõe o rigor do método que Descartes explicitou no *Discurso...* Uma das vantagens dessa regra é que assim se procedendo evita-se que os elos das cadeias das razões se percam. Essa concepção expressa um dos rompimentos promovidos pela doutrina cartesiana com a noção de *categorias do ser,* observada pelos antigos. Se conhecer era estabelecer as aproximações entre os gêneros e os graus de semelhanças entre os seres, esta tradição encontra uma teoria para divergir desses critérios. Conhecer é, a partir de Descartes, uma atividade puramente intelectual do sujeito. Esse sujeito deve estabelecer os critérios de relação entre as coisas, segundo uma ordem, "de tal modo que, sempre que se apresente uma

[94] Idem. p. 26.

unesp

dificuldade, possa-se, imediatamente advertir se será útil examinar algumas outras, quais, e por que ordem." [95]

A noção de categoria é deste modo banida do universo do conhecimento e os seres não mais são valorados por uma hierarquia. O conhecimento por similitude formulado pelos antigos, que estabelecia a relação entre os seres conforme as suas categorias não é mais reconhecido como um princípio científico.

A ordem que se observa nas ações de dedução de uma coisa da outra é um postulado fundante da teoria do conhecimento cartesiano. Para se obter o procedimento correto de uma ordem há que se verificar "em primeiro lugar, que todas as coisas - ... - se podem dizer ou absolutas ou relativas."[96] Por absoluto Descartes chama "tudo aquilo que contém em si a natureza pura e simples de que trata uma questão; por exemplo, tudo o que é considerado independente, causa, simples universal, uno, igual, semelhante, recto, ou outras coisas deste gênero;" é relativo para Descartes "o que participa desta mesma natureza ou, ao menos, de algum dos seus elementos; por isso, pode referir-se ao absoluto, e dele se deduzir mediante uma certa série; mas, além disso, encerra no seu conceito outras coisas, que chamo relações; assim é tudo que se diz dependente , efeito, composto, particular, múltiplo, desigual, dissemelhante, oblíquo, etc."[97]

As relações que as coisas relativas estabelecem com as absolutas vão tornando-as mais distantes do absoluto, e esse distanciamento significa a complexidade que as coisas relativas comportam, porque elas se colocam "subordinadas uma às outras; e a presente regra adverte-nos que é preciso distinguir todas estas relações, e atentar na sua conexão mútua e na sua ordem natural, de modo que a partir da última, possamos chegar à que é mais absoluta, passando por todas as outras."[98] Cabe à razão maior atenção quanto mais se distancia das coisas absolutas, porque é mais fácil o erro conforme se distancia destas - "o segredo é buscarmos com diligência em todas as coisas o

---

[95] Idem, p. 33.
[96] Idem, p. 34.
[97] Idem, ibidem.

unesp

que há de mais absoluto."[99] Aquilo que é absoluto estabelece uma ordem prioritária em relação àquilo que é relativo. Todavia as relações que foram obtidas consecutivamente pelas deduções serão sempre coerentes e quando se percorre o cominho inverso, da mais relativas até a mais absoluta, há que se encontrar os elos necessários para se chegar ao ponto de partida, que é à mais absoluta.[100]

É necessário reconhecer o caminho efetivado numa ciência tanto para observar se não houve erro ou se o pensamento não foi interrompido. A enumeração das relações que foram estabelecidas, a partir de um objetivo inicial, determinam a coerência da operação da razão e assim Descartes pondera: "é preciso remediar a fraqueza da memória por uma espécie de movimento contínuo da memória por uma espécie de movimento contínuo do pensamento."[101] Essas operações não devem ser executadas com pressa, pois não valeria o exercício se não obtivesse a certeza de que as deduções foram efetivadas corretamente.

A preocupação de Descartes nesse momento é com o possível erro que um espírito precipitado pode cometer ou ainda, com o erro que pode cometer aquele que não compreende o rigor do método, uma vez que ele percebe as pessoas acomodas a reflexões que proporcionam a diversidade, pela falta de rigor.

As ordens da razão significam, nesse sentido, a garantia possível para se manter a atenção do espírito, que assim procedendo não fica vulnerável à dispersão, ou a outras vontades que possam emanar dos pensamentos.

Descartes demonstra os fundamentos da sua preocupação com o possível erro, para propor condutas para que um espírito precipitado não

---

[98] Idem. p. 34.
[99] Idem, ibidem.
[100] Pode-se refletir sobre a questão cartesiana das coisas que são absolutas e das coisas que são relativas. Elas têm importância significativa quando o problema a que o pensador quer nos fazer perceber é que para os antigos a hierarquia entre os seres e os gêneros colocava a noção de causa e efeito em um mesmo limiar e ele diz: "Com efeito, para os filósofos, a causa e o efeito são coisas correlativas; aqui, porém, se investigarmos o que é um efeito, importa antes conhecer a causa, e não inversamente. As coisas iguais também se correspondem umas às outras, mas só reconhecemos as desiguais comparando-as às iguais, e não inversamente, etc." Idem, p.35.
[101] Idem, p. 39.

unesp

incorra no erro. O rigor do método está expresso em ações possíveis de serem exercitadas, ao ponto de contentar a melhor direção do espírito.

unesp

PARTE IV

Porque é possível pensar em uma metodologia cartesiana?

As ações fundantes de um método para a educação

Toma-se como característica da racionalidade moderna o *bom uso da razão*, e com ela surgem algumas peculiaridades para a educação. Um princípio para a educação é a busca da verdade. Educar sem que isso seja garantido não constitui, de fato, uma educação que se vale da razão. A garantia da verdade é saber perscrutar a alma, e esse procedimento é possível quando a ordem[102] é observada, quando as idéias são claras e quando a diversidade é suprimida.

Na modernidade, como ela se apresenta em Descartes, conhecer é chegar à verdade, como evidência da razão. Essa aquisição decorre da experiência reflexiva e filosófica do sujeito que aprende a ordenar a razão. Descartes, foi quem primeiro fez essa experiência com a razão; e depois a relatou. Ele acreditou ter encontrado o modelo de verdade nos objetos da Matemática, os objetos que possibilitavam estabelecer relações eternas entre as coisas. A obtenção do conhecimento verdadeiro foi garantido, conforme já explicitado, através do rigor com que a razão, no seu bom uso, está apta a proporcionar.

Se o sujeito, conforme percebeu Descartes, deve conhecer a verdade segundo as suas próprias faculdades, essa concepção não deixa de observar a ordem estabelecida segundo o estatuto trilhado pela sua doutrina: "O esforço do cartesianismo se engaja, pois, desde o início, em direção para a constituição de um sistema total de saber certo, as vezes metafísico e científico, sistema fundamentalmente diferente do sistema aristotélico, já que inteiramente imanente à certeza matemática envolvida no intelecto claro e distinto, mas não menos total, e mais estrito ainda em sua exigência de rigor absoluto. Essa

unesp

totalidade de sistema não é absolutamente aquela de uma enciclopédia dos conhecimentos materiais efetivamente adquiridos, mas a unidade fundamental dos *princípios primeiros* de onde emergem todos os conhecimentos certos possíveis.[103]

Esta consideração que Gueroult faz ao cartesianismo, e que ele busca em *Recherche de la vérité,* é um indício tanto da abrangência do sistema cartesiano quanto da sua característica como conhecimento. As especificidades da busca da verdade, segundo critérios primeiramente estabelecidos, estipula as ordens das razões e por isso a concepção de **saber** e de **conhecimento** são determinadas por outros princípios. Há que se saber que a verdade é estabelecida, a partir de então, por modelos próprios da razão.

O sujeito cartesiano traz consigo as próprias potencialidades para conferir o critério de verdade e de certeza. É aí que a educação tem um papel a cumprir. Nesse processo o sujeito tem que ser capacitado para o pleno desenvolvimento das faculdades da razão, para que ela haja com evidência e clareza.

Quando diz-se que Descartes enfrentou percalços e erros, esses estavam presentes no contexto sócio, cultural e histórico do pensador, e por isso também no processo de educação que ele participou, no período da sua formação escolar. O pensador, conforme relata na sua história, apresenta para si mesmo as medidas necessárias para evitar os erros.

A publicação do *Discurso do Método* estampa a sua preocupação em banir da ciência o erro. Mas como é possível ao homem que não tem a educação bem cuidada, chegar a constituir-se em um cientista, capaz de usar as potencialidades da razão, se não foi educado segundo *o bom uso da razão*?

---

[102] "Pois enfim, o método que ensina a seguir a verdadeira ordem e a enumerar exatamente todas as circunstâncias daquilo que se procura contém tudo quanto dá certeza às regras da aritmética". Descartes, 1983. p.40.

[103] "L'effort du cartesianisme s'engage donc, dès le début, vers la constitution d'un système total de savoir certain, à la fois mètaphysique et scientifique, système fondamentalement différent du système aristotélicien, puisque entièrement immanente à la certitude mathématique enveloppée dans l'intellect clair et distinct, mais nom moins total, et plus strict encore dans son exigence de rigueur absolue. Cette totalité de système n'est nullement celle d'une encyclopédie des connaissances matérielle effectivement acquises, mais l'unité fondamentale des *principes premiers* d'où découlent toutes les connaissances certaines possibles. GUEROULT, M. Descartes selon l'ordre des raisons, Paris : Aubier, 1968. vol I. p.18.

unesp

Quando Descartes põem em revista a sua própria educação ele não apenas a desmonta, com críticas à metodologia de seus mestres, mas reconstitui a sua educação mostrando as habilidades exemplares que o tiraram do erro, dos falsos juízos.

Preceitos próprios da doutrina cartesiana são bem conhecidos hoje, e alguns postulados em forma de metodologias pedagógicas, contudo a origem nem sempre é atribuída ao pensador. Descartes também não recomendou o seu caminho trilhado na descoberta do Método quando diz: "tendo minha obra me agradando bastante eu vos mostro aqui o seu modelo, nem por isso quero aconselhar alguém a imitá-lo".[104] O seu Método é o caminho mais seguro para chegar a verdade, ele garante, contudo a sua metodologia não é da mesma forma oferecida porque a individualidade do sujeito é por ele assegurada. Ele concebe que cada um deve exercitar a sua razão conforme a sua própria capacidade: "A simples resolução de se desfazer de todas as opiniões a que se deu antes crédito não é um exemplo que cada qual deva seguir...".[105] Por outro lado, as conquistas do método dependem também de se usá-lo bem, que é outro aspecto de autonomia do sujeito, na sua concepção.

Há um caminho mais coerente e seguro para operar-se intelectualmente, segundo os princípios da razão. Mas o que se observa nas escolas é um jogo. Todos que ali chegam não possuem verdades que devessem ser poupadas. O saber verdadeiro é aquele que a escola vai oferecer.

Quando Descartes chegou à escola esperava, após o término daquele período de estudos tornar-se um douto como um daqueles que ali estavam; até então julgava existirem sábios que cultivassem a verdade. Mas, quando terminou o seu período de escolarização, suprimiu todas as possíveis verdades demonstradas pelos seus mestres, porque julgou necessário assim fazer para não conviver mais com a diversidade. Quis, por si mesmo, chegar à evidência da razão e assim procedeu radicalmente, com as suas reflexões, suas viagens, que culminaram no processo da dúvida hiperbólica.

---

[104] Descartes, 1983. p. 36.
[105] Idem, p. 36.

unesp

Desfazer-se de todo aprendizado, de todas as suas crenças, pode levar alguém a tornar-se um irresoluto, adverte Descartes, por isso não recomenda o seu procedimento radical. Mas a educação do espírito é necessária para tirar o homem do caminho do erro. Isso ele aprendeu: "entre as ocupações dos homens puramente homens, se há alguma que seja solidamente boa e importante", diz ele crer tê-la escolhido: é a "busca da verdade".[106] Se há nessa afirmação uma vocação filosófica[107], ela não tira a autoridade da sua decisão que é a necessidade de um exercício rigoroso para educar o espírito, para que o erro seja excluído do caminho da educação do espírito.

Descartes pouparia o outro de sofrer o procedimento que ele aplicou para si mesmo, que ele admite ser pessoal[108], mas a descoberta feita por aplicar bem o espírito, ele a transformou em preceitos - regras - a serem seguidas na auto-formação, de como deve ser o *uso da razão*: um método para a (própria) educação do espírito.

Chegar à verdade através do método é um caminho que cada um pode fazer, porque resulta do próprio *bom uso da razão*. Contudo, *nas Regras para direção do espírito* e no *Discurso do Método* é possível encontrar-se uma metodologia da educação: no primeiro em forma de preceitos, no segundo como uma decisão rigorosa embutida nos procedimentos do próprio método. Essa metodologia advém da inspiração filosófica de Descartes em obter sempre a verdade. Quando assim se procede não subsiste outro anseio do sujeito que enfrentar o desfio de vencer a diversidade, e a saída dada por Descartes começa pela educação do espírito, ou melhor, uma reeducação, corrigindo as conseqüências danosas ao seu espírito, provocadas pelas metodologias falhas de seus mestres e pelos erros advindos do emprego que os geômetras faziam

---

[106] Idem, p. 30.

[107] "(...)viver sem filosofar é equivalente, na verdade, a manter os olhos cerrados, sem jamais tentar abri-los, e o prazer de ver todas as coisas que nossa vista abrange não se iguala à alegria que dá o conhecimento do que se obtém pela filosofia; e, finalmente, que tal estudo é mais necessário para dar regras aos costumes e orientar-nos na existência, do que a utilização dos olhos para nos conduzir os passos. Os animais irracionais que somente têm corpo para manter, ocupam-se, constantemente, em procurar alimentá-lo; porém os homens, cuja principal arte é o espírito, deveriam, primeiro do que tudo, utilizar o tempo na busca da sabedoria, que é seu verdadeiro alimento. (Descartes, 1968. p.29)

[108] "Que a principal perfeição do homem é possuir livre-arbítrio e que isso é que o faz digno de elogios e censuras. (...) por ser a vontade, por sua natureza, muito extensa, é para nós grande vantagem poder atuar por seu intermédio, quer dizer, com liberdade. (Descartes, 19868. p. 73)

unesp

da matemática. Há nisso uma preocupação. O filósofo nos diz que verdades provavelmente haviam sido encontradas na verdadeira Matemática, mas "a fizeram desaparecer por uma espécie de astúcia perniciosa"[109], porque devido às suas vaidades estes estudiosos desejavam ser admirados, e, em decorrência disso, preferiam ocultar a verdade, porque eram descobertas simples. Descartes não vê mal nisso, porque entende que as descobertas que se faz em Matemática são simples devido a própria natureza da Matemática que é simples. Descartes infere que os doutos e seus mestres agiam assim por não conhecerem os verdadeiros princípios da razão. Há um grande descontentamento de Descartes tanto em relação à doutrina, quanto em relação à prática.

Segundo Gouhier Descartes tinha críticas a fazer à doutrina de seus mestres, mas não à pedagogia por ele utilizada.[110] É fato que Descartes não reclamava da liberdade que lhe concediam na escola. Sabe-se que ele era poupado em relação aos colegas, devido a sua frágil saúde.

Mas, sabe-se também que havia arbitrariedade na maneira de se revelar ou não as descobertas. Descartes nunca deixou de fazer críticas a astúcia com que os doutos de seu tempo lidavam com o saber. Podia-se ou não ensinar o método pelo qual se chegou a um bom resultado, embora muitas vezes ele acreditava que os bons resultados decorriam do acaso, do que pelo método aplicado - conforme se lê na Segunda Regra, e conforme se demonstrou em outras passagens deste texto.

A crítica que o pensador faz aos doutos de sua época é bastante motivada pelo apreço que possui com a Matemática, mas a reforma que ele promove na matemática está vinculada também com o desejo de que ela possa melhor ser ensinada, e isso implica numa metodologia educacional, ele diz: "eu queria cobrir e envolver este ensino para afastar o vulgo, antes quero vestir e

---

[109] Descartes, 1989a. p. 28.

[110] "'Aucune doctrine...' 'e n'est pas la pédagogie de ses maîtres que Descartes critique, mais le contenu de leur enseignement. Les Humanités sont déficientes parce qu'elles trahissent leur définition : les humanités ne réussissent pas à faire un homme. Cette condamnation suppose une certaine idée de ce que doit être une culture de l'homme, sinon de ce qui la constitue". (GOUHIER, Henri. *Descartes: essais sur le 'Discours de la méthode', la métaphisique et la morale*. 3ed. Paris : J.Vrin, 1973. p. 17)

unesp

adornar para melhor se adaptar ao espírito humano."[111] A preocupação é que ele precisa banir da maneira de ensinar os raciocínios astuciosos, porque isto não tem nada de natural e inibe a acuidade da razão, uma vez que as coisas aprendidas devem ser evidentes.[112]

Indícios da consolidação do projeto cartesiano enquanto metodologia na Didática Magna de Comenius

O emprego que se faz da doutrina cartesiana impõe ao espírito uma conduta única para o uso da razão, conforme verificamos nas *Regras para direção do espírito*, e assim pode-se chegar à verdade, mas há uma dificuldade a ser enfrentada, reconhecida pelo próprio Descartes. Há diferenças em cada indivíduo pela variedade de seus espíritos: "o mundo compõe-se quase tão somente de duas espécie de espíritos."[113] Com isso, pode-se esperar reações distintas ao método a ser aplicado, contudo, se o que se busca é a verdade, os espíritos devem cumprir o princípio que é universal. As diferenças devem ser suprimidas para a verdade se estabelecer.

Se há dificuldade a ser enfrentada, quando se propõe seguir uma metodologia para se chegar a um fim - aspiração da educação - vê-se que o exercício metódico impõe limites, que alguns espíritos podem não cumprir da mesma maneira. Esse cuidado o pensador tinha, por isso não julgou que o seu próprio caminho fosse o único. O fato do resultado oferecido pela razão ser universal, que é a condição da verdade, isso não implica em afirmar que a metodologia de aprendizagem do seu método deva ser o mesmo para todos. O que Descartes mostrou foi que o resultado do Método é um único. Mas, embora ele demonstre o caminho que ele próprio percorreu, o importante nisso é que ele deixou claro a necessidade de se educar o espírito para conseguir os

---

[111] Descartes, 1989a. p. 26.
[112] "É exato que jamais tomamos o falso pelo verdadeiro, desde que apenas julguemos o que vemos com clareza e distinção, pois não sendo Deus embaixador, a faculdade de conhecer que nos propiciou não poderia falhar, sempre que não a apliquemos além daquilo que sabemos." (Descartes, 1968. p. 77)
[113] Descartes, 1983. p. 16.

unesp

benefícios do Método. Nisso o pensador foi cuidadoso, respeitando o limite próprio de cada espírito: "o meu desígnio não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir sua razão, mas apenas mostrar de que maneira me esforcei para conduzir a minha.[114].

A educação conforme oferecida nas escolas de seu tempo deixava "seqüelas" ao espírito, por causa do mal uso que faziam das habilidades da razão. Isso resultava em condutas que ele desaprovava. Seguir as pegadas dos mestres implicava no afastamento da verdade. Não havia um cuidado dos eruditos em poupar os seus alunos das possíveis controvérsias que estavam envolvidos, por exemplo quando explorando as maquinarias dos silogismos.[115]

O sistema escolar não era mal visto por Descartes porque subjugava o espírito da criança ao de um adulto, pois afirma ele ser preferível essa situação que abandonar as crianças "livremente a si próprios".[116] Talvez elas corressem mais risco quando estivessem fazendo uso dos próprios juízos, como que se dirigindo para um precipício, visto não saberem usar a própria razão. Mas o resultado declarado por Descartes ao final de seu curso é desaprovação ao ensino: "logo que terminei todo esse curso de estudos, ao cabo do qual se costuma ser recebido na classe dos doutos, mudei inteiramente de opinião."[117]

A gravidade do aprendizado fundamentado pelos sentidos é rejeitado e a prática com que é dirigido os estudos também foi negada. Não se deve fiar nos sentidos porque são as fontes primárias dos erros. Em textos compilados por P. Mersenne essa questão é retomada, mas abrindo uma senda para se compreender melhor a importância das meditações metafísicas; "que os leitores considerem quão fracas são as razões que até agora os levaram a dar fé a seus sentidos e quão incertos são todos os juízos que depois apoiaram neles; e que revejam tão longamente e tão amiúde esta consideração em seus espíritos, até que por fim adquiram o hábito de não mais fiar-se tão fortemente nos sentidos para tornar-se capaz de conhecer a verdade das coisas metafísicas, as quais

---

[114] Descartes, 1983. p. 30
[115] Descartes, 1989a. p. 15.
[116] Idem. p. 16.
[117] Descartes, 1983. p. 30.

unesp

não dependem em nada dos sentidos."[118] Este postulado requer uma conduta do sujeito que é mais um preceito para chegar a um fim determinado. Nesse sentido, aqueles que se põe a educar pelas atividades possíveis na Matemática correspondem atentamente a essa "exigência", para poder chegar à observação das coisas que são importantes de serem conhecidas, as verdades metafísicas.

Os hábitos errôneos, que provêm do uso inadequado dos sentidos fazem parte do projeto de reeducação. A racionalidade cartesiana prevê as habilidades intelectuais demonstradas no âmbito dos objetos da Razão.

Por que Descartes propõe que se chegue ao conhecimentos das coisas pela via racional intuitiva?

A busca da racionalidade, do *bom uso da razão,* se compõem com o propósito cartesiano de investigar primeiramente o próprio espírito, porque sendo ele uma única substância, portanto simples, é possível conhecê-la distintamente dos sentidos, fazendo-se assim, uma tarefa mais "fácil"[119]

Fácil segundo os princípios das *Regras...* são todas as coisas simples de serem conhecidas, porque são distintas e únicas e se apresentam uma a cada vez para serem conhecidas

O estudo que Descartes cursava em la Flèche, conforme já foi dito, prometia, aos concluintes, que todos tornar-se-iam doutos, mas ao final ele sentia-se enleado em erros. (pelos motivos que já foram demonstrados na Parte II deste texto). Nisso há um desvirtuamento, por princípio, do que Descartes está pretendendo por educação. A educação deve buscar promover o exercício da razão - do espírito. Como fim espera-se a conquista de conhecimentos verdadeiros. O descontentamento de Descartes deve-se por se deparar com um conhecimento fundamentado pelo saber cultuado nos antepassados, literário, histórico, portanto repleto de equívocos.

Uma metodologia pronta neste filósofo, como se fosse uma pedagogia, não se encontra. Mas a sua doutrina contém subsídios suficientes para se reconhecer os preceitos de uma tal pedagogia, que atenderia àquilo que Descartes esperava que fosse uma educação, aquilo que uma escola pudesse

---

[118] Descartes, Objeções e respostas, 1983. p. 170.

unesp

oferecer àqueles que a procuram: uma educação que fizesse o *bom uso da razão*, exercitasse de fato o espírito, portanto uma educação da razão. A educação, ainda que guardada as diferenças de espírito, deve promover um aprendizado de tal modo que todos possam aprender o mesmo conhecimento. O ato de educar leva consigo a responsabilidade de além de não promover a diversidade deve suprimir aquela que possivelmente possa existir.

Em *Didática Magna*, Comenius está propondo uma forma de ensinar mais fácil tudo a todos. Adverte, ele, que não é qualquer modo de ensinar que atende as suas exigências, mas aquele que se compreende como "um método universal".[120]

Se a sua pretensão é a de elaborar um Método Universal de educação, sob essa pretensão deve subsistir uma concepção de sujeito cuja razão seja também universal, que atenda a exigência de tornar aquilo que se ensina compreensível a todos, pelo menos potencialmente. Para que o método seja viável a todos aprendizes, atendendo a prerrogativa que tudo possa ser ensinado a todos, Comenius deve admitir que a razão é a mesma, como dizia Descartes: "a razão, é naturalmente igual em todos os homens;..."[121] A possibilidade da validade do método universal para Comenius devém de que: "o método para ensinar todas as ciências não é senão um, o método natural, como não é senão um o método para ensinar todas as artes e as línguas. Com efeito, a variação ou diversidade, se acaso alguma se verifica num ou noutro domínio, é tão ligeira que não resulta da essência da matéria estudada, mas do critério do professor, baseando-se esse critério na peculiar relação das línguas ou das artes entre si e na capacidade de progresso dos alunos."[122] As diferenças de espírito deveriam ser tratadas na contingência com que assim se manifestasse, porque elas existem e como o processo de educação escolar exige a mediação para provocar o exercício correto da razão, então nada mais próprio que essas ocorrências sejam vistas sob a condição em que ocorreram; por exemplo,

---

[119] Idem, ibidem.
[120] COMÉNIO, J. A.. Didáctica magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1966. p. 45.
[121] Descartes, 1983. p. 29.
[122] Coménio, 1966. p. 292-3.

unesp

sugere Comenius, na capacidade de progresso dos alunos, ou ainda, no que é específico de cada conhecimento estudado.

A qualidade com que cada coisa seria ensinada guarda a preocupação seguinte: "ensinar com certeza, que seja impossível não conseguir bons resultados."[123] *Ensinar com certeza,* embora não seja esta uma expressão do racionalismo de Descartes, mas a certeza é uma condição do sujeito que conhece, que no *bom uso da razão* pode intuir com clareza e distinção, acerca daquilo que se lhe apresenta ao espírito. Por isso, se entendida a proposição como uma condição a se perceber como resultado oferecido pelo educando, é notório como uma tal pedagogia está a contento do cartesianismo.

Comenius consente que: "... instruir bem a juventude não consiste em rechear os espíritos com um amontoado de palavras, de frases, de sentenças e de opiniões tiradas de vários autores, mas de abrir-lhes a inteligência à compreensão das coisas,..."[124] Nisso, Comenius está garantindo uma procura da certeza a partir das habilidades contidas nas próprias faculdades da razão, tal como propôs o cartesianismo: evitar o erro buscando estabelecer a verdade a partir das próprias habilidades intelectuais e, por fim, obter a certeza, que é a garantia do sujeito afirmar sobre o próprio conhecimento.

Reafirmando essa proposição, lê-se: "Mas, por amor de Deus, que interessa distrair-se com as opiniões emitidas por vários autores acerca das coisas, quando o que se procura saber é como são verdadeiramente as coisas em si mesma."[125]

O uso de vários autores para a educação de alguém, isto foi uma das coisas que Descartes rechaçou nos jesuítas; para ele essa é uma condição da diversidade. Comenius, com a afirmação acima, também está garantindo que a diversidade seja algo controlado sistematicamente: "Ó vós todos, deixai os caminhos tortuosos, e àvante para a meta!"[126] É um imperativo que ao mesmo tempo exorta contra a inimiga da razão, a diversidade, conclama para o rigor do que é método.

---

[123] Idem, p. 45.
[124] Idem, p. 256.
[125] Idem, p. 257.

unesp

Os objetivos pedagógicos de Comenius tem suas prestezas próprias da época: "Ensinar rapidamente, ou seja, sem nenhum enfado e sem nenhum aborrecimento para os alunos e para os professores, mas antes com o mesmo prazer para uns e para os outros."[127] Urge nesse tempo que a relação opressiva, que é estabelecida pela subordinação dos aprendizes, seja diminuída, com saldo positivo tanto para o aluno como para o professor. É fato que ela passa a ser exercida em outro nível que é a valoração da maturidade da razão[128], que é autônoma, contudo é necessário que os elementos que insistem em atrapalhar os desejos sejam banidos, ainda que pela virtude, como foi concebido nas *Paixões da Alma.*

Para Comenius a prioridade desse ensino é proporcionar a melhor aprendizagem dos bons costumes e da piedade sincera. Esses seriam ensinados bem se fossem demonstrados" a priori".[129] A moral, constituída a partir da demonstração possível dos valores estabeleceria, da mesma forma que as ciências, o critério de certeza, por os juízos imperativos têm prioridade sobre os fatos e costumes. A direção única da conduta moral universalizaria também as ações, com possibilidades de banir a diversidade não apenas das ciências como da cultura, dos costumes.

Vê-se que Comenius enfrentou um problema posto também por Descartes: a diversidade. Disso ele estava ciente quando diz: "Com efeito, eu não desejo, para não dizer ambiciono, arrastar ninguém, com os artifícios da persuasão, a dar assentimento a uma coisa que não ofereça qualquer certeza."[130] Seus critérios nesse sentido eram rigorosos: "... se alguém, por meio de longas observações e de repetidas experiências, quer penetrar nas verdadeiras essências das coisas, vê-se perante um trabalho muito penoso e, ao mesmo tempo, de êxito mal seguro e incerto.[131]

---

[126] Idem, ibidem.
[127] Idem, p. 45.
[128] "A primeira e principal causa de nossos erros são os preconceitos de nossa infância — diz Descartes nos *Princípios de Filosofia.* Trata-se de substituir o homem à criança. A infância seria um estado originário — com valor meramente histórico — de recalque da razão." Paulo Ghiraldelli Jr. (Org.) Infância, escola e modernidade. In: "Subjetividade, infância e filosofia da educação." São Paulo : Cortez, p. 115.
[129] Comenius, 1966. p. 46.
[130] Idem ibidem
[131] Idem, p. 191.

unesp

O critério de certeza, para Descartes, que não é persuasivo, é aquele da evidência da razão. É viável aprender tendo em vista esse princípio, porque desvia o aprendiz da condição de subsistirem duas verdades diferentes sobre uma mesma coisa. Procedendo-se de outro modo, a diversidade vai ocorrer no modelo escolástico, onde os debatedores podem argumentar diferentemente sobre o mesmo assunto, obtendo a verdade como produto do melhor argumento retórico. Isso já não é possível quando se busca a certeza. A certeza, é o que Descartes obtém com a evidência do *Cogito,* a primeira verdade do esforço da Meditações. É deste tipo de evidência e de certeza que fala Descartes. E a este tipo de certeza que ele atribui clareza e distinção.

Buscar a certeza é um caminho a percorrer pelos modernos, com segurança. E encontrar a certeza é encontrar senão toda a perfeição, mas aquela que é possível ao Homem. Nesse sentido ensinar e aprender se articulam como uma arte, cujo resultado é atingir esse ponto de perfeição, que é a certeza. Isso é um ponto de divergência com os medievais que não percebem uma educação nesses moldes, pois: "os estudos e as escolas curvavam ao peso de fadigas e de caprichos, de hesitações e de ilusões, de erros e de faltas, de tal maneira que apenas podiam adquirir à força de lutas, uma instrução sólida, aqueles que tinham a felicidade de possuir uma inteligência divina".[132] Nesse sentido as críticas de Descartes ao colégio de La Flèche em particular, e o ensino das academias, em geral, só proporcionavam esse tipo de azar àquele que as cursavam.

A prudência de Comenius não o leva a desprezar a educação por causa dos seus erros. Mas, prudentemente, como um moderno, apenas a reformou, até que se fizesse nova. Como homem não era precipitado: "quem projeta construir um novo edifício começa habitualmente por aplanar o terreno, indo até a demolição do velho edifício, pouco cômodo e a ameaçar ruína."[133] E também se fazia prudente: "Postos, portanto, de lado as descobertas dos outros decidi-me a refazer tudo por mim mesmo e a examinar o assunto e a procurar as

---

[132] Idem, p.48.
[133] Idem, p. 49.

unesp

causas, os métodos, os processos e os fins daquilo que, com Tertuliano, chamamos, se isso nos é lícito, aprendizagem (discentia)."[134]

A utopia da razão moderna, presente na doutrina cartesiana, é a representação verdadeira de todo conhecimento, inclusive do mundo empírico, que até o surgimento do método era a principal fonte dos erros; de outro modo na didática de comeniana a utopia é pretender a aprendizagem de maneira universal, quando é possível ensinar tudo a todos.

O projeto de Comenius tem uma finalidade metafísica, pois ele entende que a educação tem um fim que é a salvação do gênero humano. Ela tem que ser divulgada porque: "a caridade manda que o Deus manifestou para a salvação do gênero humano (...) não se esconda dos mortais, mas se manifeste a todo o mundo," além disso "É também uma lei de humanidade que, se se conhece qualquer meio de ir ao auxílio do próximo para o tirar das suas dificuldades, não se deve hesitar.[135]

Mas como a educação que ele propõe é universal, Comenius estende a sua atenção a todos no sentido mais amplo: "sobretudo quando se trata, não de um homem só, mas de muitos, e não apenas de muitos homens, mas de muitas cidades, províncias e reinos e digo até, do gênero humano inteiro, como é o caso presente."[136]

Os preceitos da filosofia cartesiana estão presentes, enquanto *bom uso da razão*, no homem moderno, visto que o método prático de Comenius os viabilizou, de fato, em muitos usos pedagógicos. A pedagogia comeniana é um espectro do modelo racionalista cartesiano, dado as relações de correspondência de idéias com a teoria de Descartes.

A objetivação do conhecimento tornou-se possível tão somente enquanto representação do universo, da extensão. A metafísica cartesiana mostrou uma subjetividade apropriada para os objetos puro da razão. Mas, o Eu descoberto tinha suas dimensões extrapolando esse limite da objetividade, não por contingência da doutrina, mas pela própria condição do homem. Decorre disto,

---

[134] Idem, p. 50.
[135] Idem, p. 51.
[136] Idem, ibidem.

unesp

que a educação oferecida pela razão não pode conter os desejos, a revelia do que a virtude seria capaz de proporcionar nos sistema cartesiano (segundo Descartes, a virtude poderia manter a tranqüilidade do espírito) e tão pouco extingui-los, a despeito do que Comenius almejou com os preceitos a priori. A alma humana, ainda que herdeira de uma perfeição, não limita as suas operações no âmbito das intuições claras e evidentes. A educação pela razão parece ter dado respostas objetivas apenas às exigências da ciência, mas não ao homem, tomado completamente.

unesp

Implicações dos postulados filosóficos para a concepção de uma Filosofia da Educação

Na modernidade a subjetividade surge como uma condição do homem.

Quando ainda não se tinha o critério rigoroso para dizer o que é verdadeiro, Descartes diz que não é possível haver duas verdades distintas sobre uma mesma coisa. Se alguém assim as apresentam é possível que a verdade ainda não tenha sido encontrada.

Descartes excluiu esse tipo de experiência da maneira de procurar o conhecimento, denunciando toda sorte de erro e engano que dela provém. A comparação que se fazia entre as coisas era buscando a experiência sensível ou uma hierarquia externa à razão.

O filósofo universaliza a possibilidade da comparação dando a ela o estatuto da razão universal, conforme vimos no *Discurso*. Este é o seu uso mais correto que confere validade do exercício da razão, sem contestação. Mas, além da possibilidade da comparação que observou nas regras da matemática, que possui escala de valores de medidas, Descartes observa uma ordenação pela qual a razão também valendo do seu bom uso pode graduar as dificuldade com que ela pode operar, fazendo observações próprias da razão , como são as deduções e a intuição que possibilitaria estabelecer ordem das coisas mais simples para as mais complexas. O problema da diversidade estaria sanado se assim se aprende a usar sempre a razão. A intuição é a habilidade intelectual dita pelo pensador como a condição única de se promover esse *bom uso da razão*.[137]

A invenção de escala de valores para metrificar o universal e os valores tornou os diferentes como possíveis de serem reconhecidos como idênticos. Para dizer que A é igual a A, os recursos utilizados são os da evidência da razão, e esses não pertencem mais à ordem do sensível, mas é aquilo que se apresenta ao sujeito enquanto representação. As idéias, na modernidade, são organizadas segundo princípios da própria razão, que reconhece a si mesma

unesp

como possibilidade da evidência do pensamento representado. Esse é o caminho criado para, com segurança, afirmar que se conhece uma mesma coisa.

Constata que a filosofia desenvolveu-se até atingir a instância da subjetividade moderna e isso significou atingir a maturidade da *direção do espírito,* suprimindo os equívocos de uma linguagem universal de conhecimentos adquiridos por similitudes.

Este homem tem as característica de um sujeito autônomo, conferida por consciência filosófica, inaugurada, originariamente, no *Eu.* Cria-se, no sujeito, a unidade filosófica, que pode opinar e julgar sobre a verdade. Todo saber pode ser objetivado, isto é, apresentado ao entendimento e conhecido, isto é, deduzido pelas ações do entendimento. Essa é a condição do homem com habilidade para conhecer distintamente - esse é o projeto do apresentado no Discurso, quando por fim apresenta a uma Ciência Universal.

Isto implica em dizer que: ao mesmo tempo que Descartes chega pelo *Método* à Ciência Universal, cujo limite é atingir todo saber possível, consolida no sujeito a possibilidade de proclamar a verdade - que até então estava subordinada à condição da revelação, ou seja, a uma autoridade além do sujeito.

A subjetividade moderna, assim instaurada, requer condição específica para a aquisição do conhecimento: *o bom uso da razão*. Essa nova concepção de razão, por um lado se "descobre a fonte mais pura do pensamento racional, de outro revela-lhe o alcance."[138] Esta verdade, como *evidência da razão*, possibilitou desenvolvimentos na Matemática e na Metafísica e a consolidação do Eu, cujo juízo de verdade é a manifestação da certeza subjetiva. A relação científica com o mundo empírico está assegurada nesta forma de ciência, capaz de estabelecer os limites e o alcance do conhecimento humano.

Contudo, para explicitar essa razão, Descartes debateu-se com uma outra instância que subsiste no sujeito, que é a dimensão das paixões. O sujeito cartesiano já está sendo concebido, pode-se entender assim, com uma vida

---

[137] Idem, p. 24.

unesp

envolta por condições psicológicas, conforme lê-se nas *Paixões da Alma:* "Enfim todos os primeiros desejos que a alma pode ter nutrido, quando recém juntada ao corpo, consistiriam em receber as coisas que lhe eram convenientes e repelir as que lhe eram nocivas; e foi para estes mesmos efeitos que os espíritos começaram desde então a mover todos os músculos e todos os órgãos dos sentidos em todas as formas que eles podem movê-los; esta é a causa de que agora, quando a alma deseja alguma coisa, todo o corpo se torna mais ágil e mais disposto a mover-se do que costuma ser sem isso. E quando acontece, além do mais, estar o corpo assim disposto, isso torna os desejos da alma mais fortes e mais ardentes."[139]

Descartes justifica as pulsões de um adulto como uma condição que é própria do homem, desde o seu nascimento, pois é quando ele acredita que a alma se junta ao corpo. Nesse período ainda não há no indivíduo a manifestação da razão, apenas essas atividades internas e mecânicas da união do corpo/alma, que neste período apenas desejam.[140]

Está contido nesta Filosofia Moderna todo aparato para estabelecer o exercício mais correto da razão, suprimindo a ação impetuosa dos desejos, os devaneios, os erros, por fim a diversidade. Mas a consolidação da teoria cartesiana - ainda que possa ter sido figurada por alguns como pedagogia - parece encontrar objetivação apenas enquanto uma maneira de estruturar estratégias, sem, contudo, dirigir o espírito, perdendo, desse modo, o objetivo original de supressão da diversidade. Não parece ter havido uma proposta cartesiana que tenha promovido um método para a educação, ainda que se afirme isso, pelo tempo de insistência de alguma prática pedagógica. Não se nega, com isto, que a ciência cartesiana tenha de fato estabelecido medidas objetivas para se conhecer o universo, mas o propósito cartesiano era maior

---

[138] GRANGER, G.-G. A razão. Trad. L. S. Prado, B. Prado Júnior. 2.ed. São Paulo : Difel, 1969. p. 16.
[139] Descartes. Paixões da alma. 1983. p. 258.
[140] "(...), durante os primeiros anos, nossa alma ou o nosso pensamento, está tão profundamente obscurecida pelo corpo, que não conhece coisa alguma distintamente, mesmo que entenda diversas coisas com muita exatidão. Como, porém, não deixa meditar sobre as coisa que se lhe deparam, enchemos a memória com muitos preconceitos, dos quais quase nunca conseguimos nos libertar, ainda que seja certo que, de outra maneira, não poderemos examiná-los bem. (Descartes, 1968. p. 79)

unesp

que isto. A sua proposta era consolidar no homem uma razão ordenadora não só do universo, mas das paixões do próprio homem.

As ações provenientes do inconsciente, que são tidas, hoje, como impulsos, quando surgem no processo educacional e não encontram satisfação ou contenção suficientes, provocam desvios no exercício da razão, impossibilitando que se chegue à verdade, desviando, assim, das disposições prescritas nas *Regras*, e que o *Método* consolidou.

Segundo Descartes, para evitar este transtornos o sujeito deve proteger a alma das paixões, para que não seja afetada a sua tranqüilidade, que ela não seja prejudicada, pois da perfeição da alma depende as ações morais e intelectuais, cognoscitiva. Descartes afirmou que: "o exercício da virtude é um soberano remédio contra as paixões.[141] Será que esse preceito faltou nas metodologias propostas para a educação? De imediato a resposta seria não, porque Comenius, como se viu, propôs exercícios com preceitos morais, inclusive aqueles a *priori*.

A objetivação do conhecimento está assegurada por regras rigorosas e seguras, conforme demonstrou-se ao longo deste texto, contudo os desejos são questões que a educação do espírito pode fraquejar no seu controle, assim admitia Descartes. O outro da razão parece teimar em existir na própria doutrina cartesiana. Mas o que se espera é que a instância da moral possa controlar os espíritos. A virtude deve ser o recurso para controlar os desejos. Diz o pensador que a tranqüilidade só pode ser garantida virtuosamente.

As condições psicológicas do homem já estão previstas na doutrina cartesiana. Por conseguinte a subjetividade ainda está envolta em desconhecimento, em mistérios. A necessidade de teorizar sobre a objetividade possível da razão perpassa mecanismos que o nosso tempo mostrou serem "essencialmente características subjetivas", daí se ver imputada ao sujeito a dificuldade de manter, por longo tempo, a verdade evidenciada.[142] Por isso a diversidade torna-se, ainda, ocorrente.

---

[141] Idem, p.271
[142] Horkheimer, 1990, p. 140.

unesp

Se por exercício da razão se entende em Descartes a incansável busca do rigor das faculdades do conhecimento, para o agir racional, segundo as formas que lhe são inatas, há, então, uma tarefa fundamental para o sujeito que quer conhecer com certeza, que é dar-se à educação. Nesse sentido, o papel importante da educação está voltado para a questão da subjetividade: transformar o incondicionado em evidência. Se há um saber que ainda não é passível de certeza, que não se pode conhecer verdadeiramente segundo as faculdades da razão, então cabe ao sujeito tornar-se capaz disto, ou seja, proceder à educação da própria razão, para contemplar a verdade.

A educação tem por finalidade, a partir de então, desenvolver esta subjetividade instaurada, para habilitar o desenvolvimento da conquista que adveio com a descoberta do método científico, para dar uma resposta certeira acerca da instância moral, para controlar as possíveis manifestações das paixões que podem prejudicar todo o processo da certeza, da aprendizagem mais efetiva.

Aprender verdadeiramente um saber implica conhecê-lo segundo a luz natural da razão. Se o sujeito é educado segundo os princípios naturais da razão, e se exercita para contemplar a luz natural da razão, isso significa aprender com a garantia da *certeza*. Tudo aquilo que o indivíduo conhece com certeza é porque aprendeu a valer-se de um princípio que é próprio do sujeito, que lhe é próprio por natureza, pela sua condição de herdeiro de algo perfeito - do seu Criador - a alma.

A certeza advém da condição do *bom uso da razão*: essa é uma proposição epistemológica que tem origem na modernidade. Conhecer é, então, uma faculdade que se exercitada segundo as habilidades naturais da razão, dá ao sujeito a garantia de conhecer com certeza.

Educar é, portanto, trilhar um desenvolvimento racional para *conhecer com certeza* todas as coisas que são dadas. É, por conseguinte, educar a razão para conhecer a verdade.

No *Discurso...* está contido o Método de como se pode chegar ao conhecimento da verdade. O critério de verdade e de certeza não podem ser

unesp

prescindidos. A vocação que Descartes julgava possuir - percorrer sempre em busca da verdade - se justificou na pretensão metafísica de encontrar um princípio fundamental de todo o saber. Uma filosofia primeira que encontrasse um princípio fundamental de todo o saber. Uma filosofia primeira que encontrasse um princípio indubitável, deveria nortear a cadeia de conhecimento que dele se depreendesse. Assim, um espírito educado para a busca da verdade, saberia prosseguir sempre na verdade, quando aprendesse a se valer do método verdadeiro.

O encontro da modernidade com a subjetividade propala a busca da exatidão como resultado lógico. O método discorre sobre o óbvio da razão, que é o de atingir o seu objetivo. O método constitui-se no estatuto e prerrogativa primeira da objetividade.

A educação passa a ser compreendida como o esforço máximo para o exercício da educação da razão, que segundo o método, implica em podar as arestas da contradição, do devaneio - o ensino da Matemática deve ser prioridade no processo da educação. O Método fundado, que se vale dos objetos puros da razão, garante a certeza subjetiva em qualquer investigação científica.

Não se pode negar após todo esse percurso que o rigor imposto pela ciência moderna necessitava, de fato, de um sujeito autônomo, com as possibilidade de juízos centrado no eu do próprio indivíduo. Na nova sociedade, a moderna, coube à escola viabilizar a educação necessária a esse sujeito.

Se em Descartes procurou-se os elementos necessários para o exercício da razão e se há a constatação de que alguns métodos cumpriam esses preceitos, o que deu errado quando se verifica que a diversidade está presente em nosso mundo?

A doutrina cartesiana consolidou as possibilidades para a existência do sujeito, mas é também o momento da perda da própria subjetividade, porque no sistema em que a sua teoria vigora, a representação de qualquer *eu* deve ser igual a outra de qualquer outro *eu* - nisso a liberdade parece comprometida.

unesp

O consenso não é mais estipulado pelo *bom senso*, mas pela ciência que padroniza a reflexão pelo princípio de *bom uso da razão*. Quando se refere ao universo científico não é possível existirem "eus" na ciência, mas, tão somente, aquele que afirma a verdade. A razão moderna é o momento da descoberta do sujeito, mas é, logo em seguida, o momento do seu próprio declínio.

A representação possível do *sujeito universal* é a declaração daquilo que ***é*** e daquilo que ***não é***, com certeza. É a afirmação de que não existe mistério no universo dominado pela razão. Aquilo que não é conhecido, demanda apenas algum tempo para ser descoberto pela razão; jamais será considerado encantamento pelo homem esclarecido. A liberdade de conhecimento está limitada ao condicionado. A liberdade do sujeito moderno está delimitada no mundo reservado ao conhecimento científico, que é o limite do condicionado. Há, nesse sentido, um discurso científico que legitima toda a verdade e a existência de todas as coisas.

Se o sujeito foi *encontrado*, é porque a *razão* chegou à sua *idade madura*. Portanto, fica dito que aquilo que não é a Verdade e não pode ser concebido com certeza, no mundo da ciência, não pode ser conhecido. Está claro que não pode haver um outro mundo além daquele que é possível à razão. Mas a razão está limitada ao eu - ego. Dizer a verdade é uma necessidade no mundo científico, moral, porque, nesse sentido, a verdade contém significação universal, e desta forma se faz passível de compreensão para todos. Aquele que não diz a verdade torna-se um marginal ao novo estatuto da modernidade - *o Método*. No entanto, quando se verifica que o universo do conhecimento não é só o da ciência, vê-se que há muito mais manifestação do sujeito dentro da cultura, que não se restringe apenas à ciência.

Educar, na modernidade, é a condição de garantia de inserção do indivíduo na sociedade, local privilegiado para a manifestação da ciência. Todos devem ser educados, porque a razão é própria do homem; esse exercício é válido tanto para a promoção do homem, quanto para a garantia de um direito que lhe é próprio. Nesse sentido, verifica-se na proposta cartesiana

unesp

de educação o desenvolvimento de habilidades para tornar possível o uso natural da razão, de tal modo que tudo que se apresente ao espírito possa ser conhecido com evidência e na pedagogia racionalista de Comenius o propósito de ensinar tudo a todos de maneira mais apropriada a razão. Pode-se afirmar que eles têm, em comum, o apreço ao *bom uso da razão*.

Esses projetos foram viabilizados na modernidade. Mas não se evitou, por meio deles que a diversidade continuasse a existir na educação, em nosso meio. Será possível que o projeto racionalista ainda não tenha se consolidado e, assim sendo, não somos ainda modernos, na acepção mais significativa do termo, aqueles que fazem *bom uso da razão?* Ou ainda, os projetos racionalistas que trazem consigo a universalização do uso da razão não são viáveis, porque o mundo desencantado não compreende utopias?

Quando apresentou-se a teoria cartesiana neste texto, não se apresentou uma pedagogia, mas preceitos para a educação. Porque aquele que se propõe a escrever sobre uma pedagogia, deve apresentar argumentos mais incisivos sobre o controle efetivo do processo de aquisição do saber, por exemplo, quando há uma manifestação desordenada da razão de um indivíduo.

Embora este texto tenha argumentado sobre aspectos metodológicos na doutrina cartesiana, tem-se a compreensão de que o objeto de referência de Descartes é sempre o de uma razão, no aspecto possível de uma concepção, numa instância metafísica da subjetividade.

Descartes apresenta a história de sua própria educação como referência de um caso. Compreender que o seu caso foi um sucesso da aplicação de um método de educação, possibilitou que algumas estratégias fossem percebidas. Mas não é um estudo como o de Comenius em que o projeto surge para superar dificuldades práticas do processo educativo. Ele desejava uma didática para sanar um problema apresentado no processo de ensino-aprendizagem, primeiramente analisado os estudos de línguas. A sua pretensão é encontrar uma didática mais eficaz, que pudesse ensinar tudo a todos.

O objetivo original de Descartes era a ordenação da razão, buscando para isso uma primeira certeza indubitável, metafísica. Desejava chegar a uma

unesp

verdade tão clara e distinta que não pudesse ser duvidada e dela poder derivar todas outras verdades, para fundamentar um saber universal. Isso ele fez na ciência. Ao longo da sua trajetória verificou-se a obstinação por um método que levasse à verdade, e para isto apresentou todos os preceitos rigorosos necessários para isto conquistar. Não deixou uma pedagogia, mas uma vasta obra capaz de inspirar a essência da pedagogia racionalista, com critérios metodológicos específicos.

unesp

Bibliografia

ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. São Paulo : Mestre Jou, 1962.

ALQUIÉ, F. A filosofia de Descartes. Trad. M. R. Martins. 2.ed. Lisboa : Presença, 1986.

ALVARENGA, E. A noção de sujeito como aparece nas meditações. Discurso: Revista do Departamento de Filosofia da USP, São Paulo, n. 24, p. 47-55, 1994.

ARISTÓTELES. Metafísica: livro I e livro II. Trad. direta do grego por V. Cocco e notas de J. de Carvalho. In: ___. Metafísica: livro I e livro II; Ética a Nicômaco; Poética. Seleção de textos de J. A. M. Pessanha. São Paulo : Abril Cultural, 1984a. p. 1-43. (Os Pensadores)

_____. Ética a Nicômaco. Trad. de L. Vallandro e G. Borheim da versão inglesa de W. D. Ross. In: ___. Metafísica: livro I e livro II; Ética a Nicômaco; Poética. Seleção de textos de J. A. M. Pessanha. São Paulo : Abril Cultural, 1984b. p. 45-236. (Os Pensadores)

BEYSSADE, M. Descartes. Trad. F. Figueira. Lisboa : Edições 70, 1986.

BOLTON, M. B. Spinosa on cartesian doubt. Noûs. Boomington, v. 19, n. 3, p. 379-395, set. 1985.

CANGUILHEM, C. Descartes e a técnica. Trad. Lígia Fraga Silveira. In: *Trans/Form/Ação,* São Paulo, v. 5, p. 111-22,1982.

CASSIRER, E. Descartes, Corneille Christine de Suède. Trad. M. Francês et P. Schrecker. Paris : J. Vrin, 1942.

CHAUÍ, M. A idéia de parte da natureza em Espinosa. Discurso: Revista do Departamento de Filosofia da USP, São Paulo, n. 24, p. 57-127, 1994.

COTTINGHAN, J. Dicionário de filosofia. Trad. H. Martins. Revisão de E. Alvarenga; Consultoria R. Landim. Rio de janeiro : J. Zahar, 1995.

DESCARTES, R. Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas. Introdução de G-G. Granger; prefácio e notas de G. Lebrun; Trad. J. Guinsburg e B. Prado Júnior. 3. ed. São Paulo : Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)

_____. Lettres. In: ___. Ouvres et lettres. Paris : NRF/Pleiade, 1952a.

_____. Les principes de la philosophie. In: ___. Oeuvres et lettres. Paris : NRF/Pleiade, 1952b. p. 549-610.

_____. Meditaciones metafísicas y otros textos. Trad. e notas E. López y M. Graña. Madrid : Gredos, 1987.

_____. Princípios da filosofia. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo : Hemus, 1968.

_____. Recherche de la verité. In: ___. Ouvres et lettres. Paris : NRF/Pleiade, 1952c.

_____. Règles pour la direction de l'esprit. In: ___ Oeuvres et lettres. Paris : NRF/Pleiade, 1952. p. 33-119.

_____. Regras para a direção do espírito. Trad. J. da Gama. Lisboa :

Edições 70, 1989a.

_____. Ouvres de Descartes: correspondance, mars 1638 - décembre 1639. Publiées par C. Adam & P. Tannery. Paris : J. Vrin, 1988. v. II. p. 47-52, 280-2, 282-6

_____. Oeuvres de Descartes: correspondance, Juillet 1643 - avril 1647. Publiées par C. Adam & P. Tannery. Paris : J. Vrin, 1989b. v. IV. p. 200-4, 263-66, 278-80, 376-9, 440-2, 473-4, 534-42, 581-3, 600-17, 670.

_____. Oeuvres de Descartes: correspondance, mai 1647 - février 1650. Publiées par C. Adam & P. Tannery. Paris : J. Vrin, 1991. v. V. p. 19-22, 79-80, 86-8, 129-132, 182-4, 252-4, 258-61, 289-93, 295, 317-8, 322-3, 323-6, 351-2,470-6, 554-5.

FOUCAULT, M. La prose du monde. In: _____ Les mots et les choses. Paris : Gallimard, 1968. p. 32-77.

GHIRALDELLI, P. Jr. Infância, escola e modernidade. (Org.) São Paulo : Cortez; Curitiba : Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997.

GILSON, É. Le role de la pensée médiévale dans la formation du système cartésien. Paris : J. Vrin, 1951.

_____. La unidad de la experiencia filosofica. Madrid : Ediciones Rialp, 1960.

_____. Index scolastico cartesien. 2.ed. Paris : J. Vrin, 1979.

GOUHIER, H. Descartes: essais sur le "Discours de la Méthode", la métaphysique et la morale. Paris : J. Vrin, 1973.

GRANGER, G.-G. A razão. Trad. L. S. Prado, B. Prado Júnior. 2.ed. São Paulo : Difel, 1969. (Coleção Saber Atual)

GRIMALDI, N. L'experience de la pensée dans la philosophie de Descartes. Paris: J. Vrin, 1978.

GUENANCIA, P. Descartes. Trad. L. Magalhães. Rio de Janeiro : J. Zahar, 1991.

GUEROULT, M. La vérite de la science et la vérite de la chose dans les preuvres de l'esxistence de Dieu. In: DESCARTES: Cahier de Royaumont. Paris : Minuit, 1957.

GUEROULT, M. Descartes selon l'ordre des raisons. Paris : Aubier, 1968. 2. v.

HORKHEIMER, M. teoria crítica: uma documentação. São Paulo : 1990. (Coleção estudos; 77)

JEAUNEAU. É. A filosofia medieval. Trad. J. A. dos Santos. Lisboa : Edições 70, 1986.

JOLLEY, N. Leibniz and Malebranche on Innate Ideas. The Philosophical Review, New York, v. 97, n. 1, jan. 1988.

KOYRÉ, A. Considerações sobre Descartes. Trad. H. Godinho. 3.ed. Lisboa : Presença, 1986.

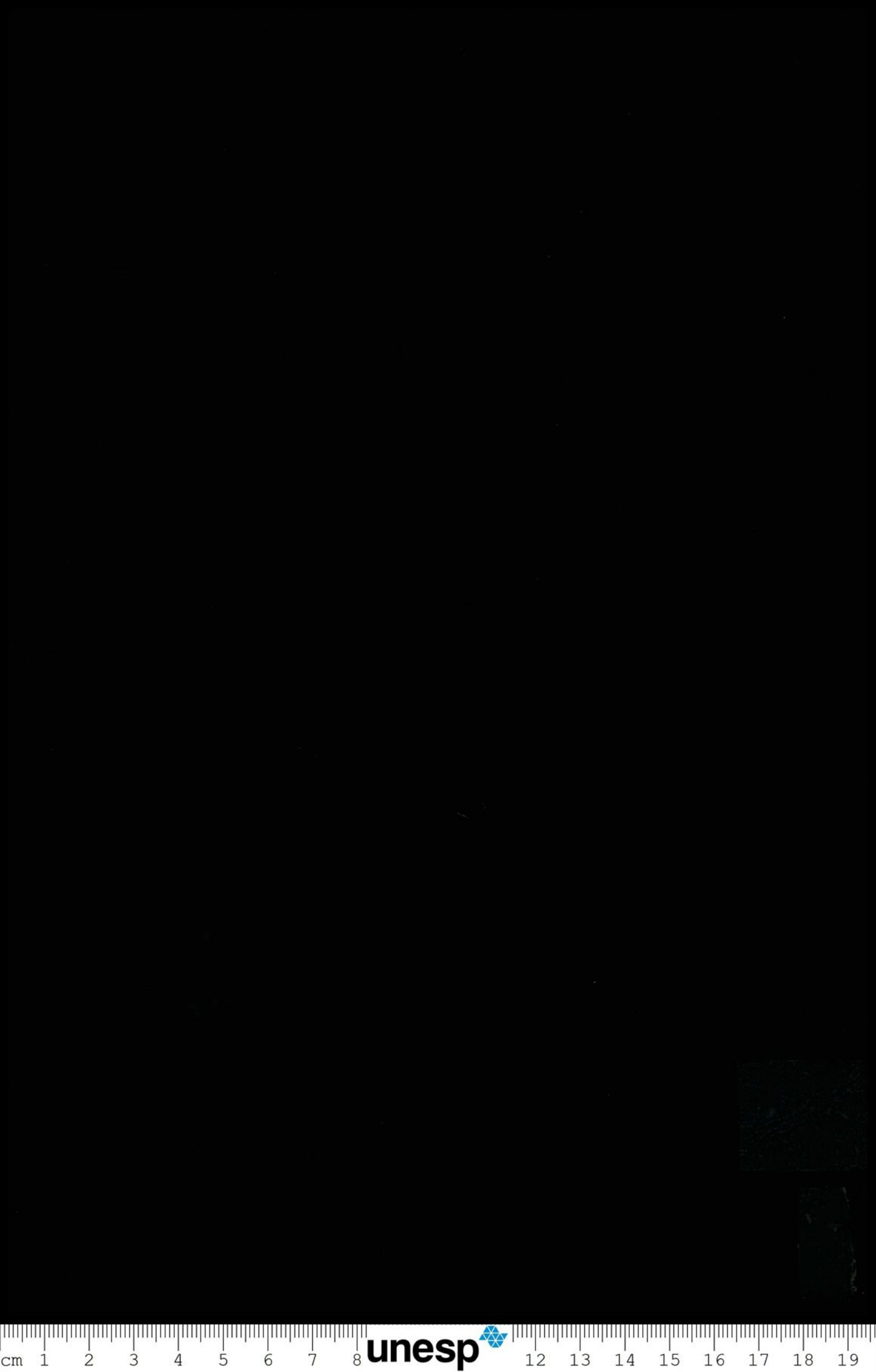
KOYRÉ, A. Etudes d'histoire de la pensée scientifique. Paris : PUF, 1966 pp. 176-91.

KUJAWSKI, G. de M. Descartes existencial. São Paulo : Heder/EDUSP, 1969.

LANDIM FILHO, R. Pode o cogito ser posto em questão? Discurso: Revista do

Departamento de Filosofia da USP, São Paulo, n. 24, p. 9-30, 1994.
LALAND, A. Dicionário De Vocabulário De Filosofia. Paris : J. Vrin, 1966.
LAPORTE, J. Le rationalisme de Descartes. Paris : Presses Universitaires de France, 1950. p.1-114.
LARROYO, F. História geral da pedagogia. São Paulo : Mestre Jou, 1970. pp. 403-33.
LEFEBVRE, M. H. De la morale provisoire a la generosité. In: DESCARTES: Cahier de Royaumont. Paris : Minuit, 1957. p. 237-72. (Philosophie, II)
LOEB, L. E. The priority of reason in Descartes. The Philosophical Review. New York, v. 99, n. 1, jan. 1990.
LOPARIC, Z. A procura de um Descartes segundo a ordem das dificuldades. Discurso: Revista de Departamento de Filosofia da USP, São Paulo, n. 6, 1984.
MARQUES, J. Descartes e sua concepção de homem. São Paulo : Loyola, 1993. (Coleção Filosofia, v. 25)
MATOS, O. C. F. O ilusionismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant. São Paulo : Brasiliense, 1993.
PASCAL, G. Descartes. Trad. M. E. G. G. Pereira. São Paulo : M. Fontes, 1990.
PITTE, F. P. Van De. Descartes et Kant : empirisme et innéite. Les Etudes philosophiques, n. 2, p. 175-190, 1985.
RODIS-LEWIS, G. Maitrise des passions et sagesse chez Descartes. In: DESCARTES: Cahier de Royaumont. Paris : Minuit, 1957. p. 208-36. (Philosophie, II)
SANTO TOMÁS DE AQUINO. O ente e a essência. Trad. de Luiz João Baraúna. In: _____. Tomás de Aquino. 3.ed. São Paulo : Abril Cultural, 985. (Os pensadores)
SILVA, F. L. Transformação da noção de beatitude em Descartes. Discurso: Revista do Departamento de Filosofia da USP, São Paulo, n. 24, p. 31-46, 1994.
SILVEIRA, L. F. As concepções médicas e morais na filosofia de Descartes. São Paulo, 1985. Tese (Doutorado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
TEIXEIRA, L. Ensaio sobre a moral de Descartes. 2.ed. São Paulo : Brasiliense, 1990.
VAN STEENBERGHEN, F. Philophie et chistianisme. Revue Philosophique de Louvain, v. 87, p. 180-91, fev. 1989.

unesp


cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19